

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

SONIA PEREIRA DA SILVA

A CIDADE PASSADA À LIMPO: CONDIÇÕES DE VIDA E
EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES DA LIMPEZA
PÚBLICA, UBERLÂNDIA 1982-1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL



UBERLÂNDIA – MG
1999

~~1.599~~

SONIA PEREIRA DA SILVA

**A CIDADE PASSADA À LIMPO: CONDIÇÕES DE VIDA E
EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES DA LIMPEZA
PÚBLICA, UBERLÂNDIA 1982-1997.**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, à Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof^o. Dr. Paulo Roberto de Almeida

UBERLÂNDIA – MG
1999

*Dedico este trabalho à todas as
pessoas entrevistadas que foram,
a minha fonte principal de
investigação*

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Prof.^a. Ms. Giselda Costa da Silva Simonini

Prof. Dr. Antônio de Almeida

Agradecimentos

- *Agradeço ao meu orientador por sua paciência de ler várias vezes o meu trabalho e apontar novos caminhos a serem seguidos.*
- *A banca por aceitar participar da avaliação do trabalho.*
- *Ao meu filho, por eu estar ausente tantas vezes.*
- *Ao meu marido, pela paciência de ajudar-me na confecção deste trabalho.*
- *A professora Dr^a. Coraly Guará Caetano, que no início deste trabalho me apoiou e participou nas discussões da bibliografia referente a História Oral.*
- *A minha colega de Curso Ana Magna, por seu apoio.*
- *A todas as pessoas que me concederam as entrevistas.*
- *A Deus pela vida.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 07

CAPÍTULO I

A VIDA NA CIDADE E O TRABALHO 24

CAPÍTULO II

A HOSTILIDADE ENTRE POPULAÇÃO E OS VARREDORES DE RUA: E OS DIVERSOS ASPECTOS DO TRABALHO 35

CONSIDERAÇÕES FINAIS 58

FONTES CONSULTADAS 60

BIBLIOGRAFIA 62



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo básico o resgate das experiências de vida dos trabalhadores da limpeza pública na cidade de Uberlândia. A investigação buscou compreender o modo como os trabalhadores experienciaram as modificações nas relações de trabalho como também em suas vidas em razão das transformações efetuadas no âmbito da organização e controle das formas de trabalho na cidade.

Tradicionalmente os serviços públicos eram efetuados sob controle e contratação de profissionais via órgãos públicos e a questão levantada foi avaliar as mudanças trazidas com a terceirização de parte dos serviços.

Existe em campo duas espécies de trabalhador: Um pertencente à prefeitura, outro à empresa privada. com isto, cabe aqui uma breve discussão entre as fronteiras do público e o privado no campo dos serviços urbanos.

As tendências atuais de privatização de determinados serviços públicos urbanos tem estimulado a reflexão acerca da natureza das atividades nas quais o setor privado tem ingressado e, também, sobre as redefinições do papel do Estado na sociedade contemporânea.

“Em princípio, os estudos sobre a questão busca compreender a origem dos serviços enquanto atividades organizadas pelo Estado. Em outras palavras, quais as razões do engajamento do Estado em alguns setores e quais os motivos que o levam hoje a transferir competências ao setor privado?”¹

Em Uberlândia a evolução no campo dos serviços públicos tem produzido intensas modificações nas formas de gestão e na natureza de

¹ FIRCHER, Tânia. (org. e coordenação) *Poder Local: Governo e cidadania*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993. p.240.

algumas atividades. O setor privado é cada vez mais atuante no âmbito da oferta de serviços urbanos, neste caso especificamente o serviço de varrição das vias públicas (objeto deste trabalho).

Assim durante o processo de elaboração dessa proposta de trabalho, considerei importante tomar contato, com o que viria a ser o objeto da minha pesquisa, ou seja, os varredores de rua residentes em Uberlândia. Ao iniciar as entrevistas, mesmo sem nenhuma experiência, já foi possível perceber através das falas, a riqueza de suas respectivas experiências de vida. Estas revelam criatividade, sensibilidade na sua simplicidade de ser. Isso serviu de estímulo para que eu continuasse a investigar, estabelecendo um diálogo com as interpretações dominantes e também rever meus pressupostos iniciais acerca dos varredores de rua.

A proposta do trabalho é investigar a prática dos varredores de rua em Uberlândia, como vivem, como pensam a cidade, o País. Por isso, busquei resgatar suas condições de vida, trabalho, moradia, lazer, religiosidade e a dinâmica de suas relações e intervenções na cidade. Aprender através da fala desses trabalhadores, como eles se vêem. Perceber também como encaram os conflitos, os problemas e angústias do cotidiano. No processo de investigação, busquei valorizar a visão que possuem esses trabalhadores, como se percebem inseridos no contexto da cidade e o que possa ser significativo para eles.

Quando me propus a reconstituir a experiência dos varredores de rua em Uberlândia, um dos pressupostos é de que isso seria feito na perspectiva dos próprios trabalhadores. Com isso, optei pelo uso de fontes orais, sem uma preocupação com a veracidade ou não dos relatos e sim procurando dialogar com as interpretações presentes nas entrevistas.

As discussões acerca da bibliografia escolhida, foram gerando algumas angústias e ao mesmo tempo estimulando e propiciando novas reflexões. Ao

escolher os varredores de rua como objeto de pesquisa, o fiz por sentir que dentre as categorias de trabalho, ainda por serem pesquisadas, foi com esta que mais me identifiquei.

A opção por trabalhar com a fonte oral, constitui-se um fator, que provavelmente dificultaria o processo de investigação, devido aos problemas decorrentes do uso desse tipo de fonte, que serão posteriormente apresentados. Por outro lado, acredito que a história oral poderia me colocar de certa maneira, mais próxima do meu objeto de pesquisa, possibilitando assim um maior e mais profundo diálogo com a fonte, com o sujeito da investigação. Considerando ainda, a ausência de documentos acerca dos varredores de rua na cidade.

As questões relativas a História Oral, que podem ser pensadas como empecilhos são, além de teóricas-metodológicas, políticas. Penso que, somente através da fala dos varredores de rua, posso apreender suas experiências enquanto ser humano e sujeito com motivação, anseios e angústias. Foram realizadas cerca de 18 (dezoito) entrevistas ao longo desse período de investigação. Há saber que 09 (nove) entrevistas foram feitas com os varredores de rua que trabalham na Prefeitura Municipal de Uberlândia, e as outras 9 (nove) com os varredores de rua que trabalham na Limpel.(Limpel atividades Urbanas Ltda.)

Foi através da leitura e a análise dessas entrevistas, dos problemas apresentados, que as questões foram surgindo e me foi possível perceber as diversas dificuldades enfrentadas pelos varredores de rua em Uberlândia. Mais ainda, perceber como as experiências são diversas, uma vez que ha uma extrema heterogeneidade, se pensar no conjunto.

O fato de que os varredores de rua em Uberlândia, enquanto categoria de trabalhadores, se constituem em um grupo muito heterogêneo, foi ao mesmo

tempo, elemento de riqueza e dificuldade. Tornou-se um elemento de riqueza, uma vez que os sujeitos sendo diferentes, nos mais variados aspectos: Seriam diversas as experiências. Por outro lado, esse era e ainda é um fator que, senão dificulta, ao menos angustia. Pensar a experiência de homens e mulheres, enquanto sujeitos lutando por melhores condições de vida, tendo suas falas como fonte de pesquisa de certa forma me assustava, por parecer uma tarefa de grande dimensão. Ao mesmo tempo, acredito que muito se perderia dessas experiências, se privilegiasse somente um aspecto ou outro.

Portanto, os objetivos dessa pesquisa consistem também em:

Produzir uma monografia que contribua para a compreensão da dinâmica das relações sociais na cidade.

Reconstituir a história dos varredores de rua a partir de sua própria perspectiva.

Elaborar documentos para contribuir com o Centro de Documentação Popular Cedhis.

Enquanto metodologia de trabalho a História Oral tem como pressuposto a produção de um documento. É a possibilidade de recuperarmos a voz dos sujeitos históricos e sociais desprivilegiados da cena histórica.

Esta técnica é utilizada, especialmente, quando não existem fontes documentais escritas ou materiais que possam responder as nossas hipóteses de pesquisa. Ela é também uma maneira de dar voz aqueles que, enquanto sujeitos da história, atores sociais de seu tempo, não tiveram acesso às formas de impressão, de marcas, sejam elas quais forem, de suas experiências de vida.

“A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar a dignidade e a autoconfiança.”

*Propicia o contato e pois a compreensão entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que compartilhem das mesmas intenções ela pode dar sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação mais radical do sentido social histórica”.*²

Alinhavado a tudo isso, é importante deixar claro que a fonte oral nos permite construir uma história onde um grupo social pudesse através de entrevistas expressar seus sonhos, seu cotidiano e suas representações e contradições, enfim seus modos de vida. Sabemos que essa fonte não pode ser tratado como uma verdade absoluta e inquestionável, mas enquanto reelaboração de momentos de suas vidas e por isso permeados de subjetividade.

Assim, é importante ressaltar que os depoimentos dos entrevistados, são reelaboração de seu passado feito a luz de seu presente e de sua interpretação.

Porque não poderemos nos esquecer que o trabalho em história é quase sempre, uma via de mão dupla. Além disso, é necessário lembrar que tema e sujeito históricos são também frutos de seu tempo.

Neste sentido, a minha opção pela fonte oral tem inspiração tanto na obra de Hobsbawm como de E. P. Thompsom. *“É importante lembrar, de vez em quando, a nós mesmos que não conhecemos todas as respostas sobre a sociedade e que não é simples o processo de descobri-las.”*³

Isto fez com que eu percebesse que não poderia ter modelos prontos ou acabados e ao dialogar permanentemente com a fonte e os sujeitos da investigação, teria também que estar aberta as possíveis mudanças, que estariam por vir.

² THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Trd. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972. p. 44.

³ HOBBSAWM, Eric J. “A Outra História Algumas Reflexões”. In: CARNAZ, Frederico. *A outra historia*. São Paulo: Zahar 1979. p.19-33.

Procurei nesta pesquisa resgatar a experiência dos varredores de rua de Uberlândia, enquanto seres humanos. O termo experiência, aqui utilizado na perspectiva de Thompson, possui essa dimensão, buscando caracterizar todos os aspectos da vida do indivíduo.

Sendo assim, através de suas falas, busquei apreender os anseios, as angústias e os sonhos desses trabalhadores. Esses sentimentos manifestos, seja em relação ao trabalho, a família, ao local de moradia vão revelar esses sujeitos, numa luta constante por melhores condições de vida. Por mais que o historiador tente ser imparcial ao entrevistar muitas das vezes nos vemos presos as emoções vividas pelo entrevistado. É onde o trabalho do historiador se torna difícil, pois é um momento em que temos que procurar nas entrelinhas indícios para prosseguir a investigação

“O trabalho com depoimentos orais e histórias de vida, concebe-se, muitas vezes como uma alternativa às interpretações estruturalistas e como um contraponto a determinado tipo de discursão homogeneizado, que não reconhece a pluralidade das diferentes versões sobre os acontecimentos. Nesse aspecto, o trabalho com fontes orais se constituiria numa reação as explicações globalizante, apoiadas fundamentalmente em documentos escritos.”⁴

Entretanto compreender a complexidade a diversidade da experiência humana é fazer um esforço, no sentido de pensar que, mesmo em precárias condições de vida e de trabalho, persiste uma vontade de resistir no dia-a-dia, a tudo que seja sinônimo de exploração, dominação e desvalorização da pessoa, por parte dos trabalhadores. Essa resistência visível ou não, jamais pode ser descaracterizada como vontade de transformação e capacidade de indignar-se com as injustiças presentes na sociedade. Isso vai estar claro, na experiência dos sujeitos dessa investigação.

⁴ SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de valores*. São Paulo: Educ. 1995.

Penso ser importante, no sentido de tornar mais compreensível o caráter desse trabalho, aprofundar algumas questões acerca da História Oral e dos motivos que me levaram a optar pela mesma. O que pude perceber, no decorrer do meu trabalho é que, trabalhar com a fonte oral implica sobretudo, pensar a subjetividade do pesquisador. Afirmando isso, tendo por base, o fato de que, ao lidar com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva na elaboração do documento. Sendo assim, quem faz as perguntas no momento da entrevista, precisa estar atento para não colocar para o entrevistado angústias que sejam suas. Dessa maneira, possibilitar ao entrevistado manifestar-se “livre” de quaisquer influências. Porém, tendo consciência de que essa “liberdade de influência”, está cercada de limitações, uma vez que nenhuma pergunta é elaborada de forma gratuita e quando o pesquisador a faz, é com a intenção de obter resposta, para algo que o incomoda. Isso pode parecer ressaltar o que é óbvio, mas o que anseio deixar claro é que uma vez feita a pergunta pelo pesquisador, afim de ter resposta para suas angústias, esta pergunta não está isenta da subjetividade do mesmo. A citação das autoras Diana G. Vidal e Joya de C. Del Vecchio, coloca com clareza essa questão.

“(...)Entretanto, mesmo que se procure interferir o menos possível no relato, o árbitro maior da memória não é o rememorador, mas o historiador, pois este encaminha as perguntas, “impõe” o que deve ser lembrado. A própria figura do pesquisador atua como critério de seleção da memória. Nem tudo deve ser lembrado, só aquilo que interessa ao interlocutor.”⁵

Assim sendo, podemos pensar a fonte oral, como uma alternativa extremamente criativa. Considerando ainda que, o diálogo que se estabelece entre pesquisador e sujeito, no momento da entrevista, constitui-se em uma experiência muito significativa, um espaço para a elaboração, para a

⁵ VIDAL, Diana Gonçakes e DEL VECCHIO, Joya de Campos. “O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações”. In: *Revista Brasileira de História*. n.º 13, V.7, set./ 86 Fev./ 87. pp. 125-136.

manifestação da memória e avançando ainda, segundo Mercedes Vilanova* ; uma forma de democratização da fala. Penso ser interessante, que pessoas comuns, trabalhadores, possam estar falando de suas impressões, anseios, desejos, enfim de suas vidas, colaborando para que estas sejam registradas.

É bem verdade, que a História Oral por si mesma, não pode ser:

“vista como um método filosófico revolucionário que vai permitir às classes oprimidas exporem sua “ideologia” ou vai desvendar práticas ocultas. Pelo depoimento oral, muitas das premissas do pesquisador podem ser questionadas, novas evidências podem emergir, até mudar o curso do trabalho, ou criticar dados já colhidos. Antes de asseverar verdades incontestes, a história oral serve de índice de problematização, apresentando novos caminhos.”⁶

Este trecho também nos possibilita uma certa apreensão da dimensão da fonte oral em meu trabalho. Compreendo que pensar as experiências dos varredores de rua é pensar as contradições do espaço urbano, a questão da moradia, saúde, desemprego, violência e tantos outros problemas que vivenciamos em nossa sociedade. Isto consiste em compreender como esses trabalhadores percebem, vivenciam as contradições existentes nas relações sociais estabelecidas na cidade. Como ora eles resistem e ora sujeitam-se ao que esta colocado.

Ao se falar do uso da fonte oral, não se pode negligenciar as dificuldades existentes. Além da questão metodológica, isto é, realizar a entrevista, transcrever, digitar, analisar, é preciso ainda, atentar para o uso que se faz da entrevista, afinal estamos lidando com a experiência de sujeitos, que são seres humanos e isso exige de nós sensibilidade, respeito e ética.

* VILANOVA, Mercedes e MORAES, Marieta de (Org.) “Pensar a Subjetividade: Estatísticas e Fontes Oraís”. In: *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. pp. 45-74.

⁶ VIDAL, Diana Gonçakves e DEL VECCHIO, Joya de Campos. “O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações”. In : *Revista Brasileira de História*, n.º 13 . V.7. set./86 Fev./87 pp. 125-136.

Por isso o fato de se utilizar fontes orais, geralmente pode-se assumir uma dimensão significativa nos resultados obtidos pela pesquisa. Embora possa estar presente no senso comum, idéia de que trabalhar com a fonte oral implica somente em realizar a entrevista, porém o processo da pesquisa nos mostra uma outra realidade que não é exatamente isso. Ao contrário, é preciso um diálogo constante entre a teoria e a prática, e o entrevistador/pesquisador precisa estar aberto ao diálogo também, a fim de rever seus pressupostos e transformá-los, se a realidade se apresenta agora de um modo diferente, uma vez que esta é muito dinâmica. Certamente o trecho do texto de Alistair Thomson, contribui para a compreensão, desse “dilema” que se constitui para o pesquisador, a forma como deve utilizar ou não, as entrevistas orais por ele realizados;

*“(...)Contudo, minhas entrevistas com veteranos de guerra australianos criaram dilemas éticos para mim enquanto historiador oral. Mesmo com cuidado e sensibilidade e seguindo a regra básica que diz que o bem-estar do entrevistado vem antes dos interesses da pesquisa, as entrevistas que exploram a natureza dos processos de recordação ultrapassa os limites da relação estabelecida pela história oral. A entrevista que toca as memórias reprimidas e que as vezes, se aproxima de uma relação terapêutica pode ser interessante ao entrevistador mas prejudicial ao entrevistado. Questões que fazem lembrar desigualdade, humilhação ou medo podem trazer lembranças traumáticas e dolorosas. Às vezes eu tinha que interromper uma seqüência de questões durante a entrevista, ou me pediam para interromper, porque aquilo estava sendo muito doloroso. Ao contrário do terapeuta, eu, enquanto historiador oral, não estava lá para juntar os pedaços das memórias que não mais estavam mantidas em segurança”.*⁷

Esta questão colocada pelo autor é pertinente para clarificar algumas das dificuldades que encontrei no processo de investigação. Por diversas vezes, senti que seria complicado dar continuidade a entrevista, por perceber que o

⁷ THOMSON, Alistair. “Desconstruindo a Memória. Questões sobre as Relações da H. O. e da Recordação”. In: *Trabalho p a conferência Brasileira de História Oral, “História Oral e Ética”*. Outubro de 1995. pp. 21-22.

entrevistado não queria responder, sentindo-se pouco a vontade com as questões colocadas. Em ocasiões assim, sentimos que a entrevista deixa a desejar, mas se nos propomos a utilizar, fontes orais, enquanto metodologia de pesquisa, então precisamos estar preparados para os empecilhos sempre presentes no caminho de quem lida com a experiência humana. Acredito ser necessário colocar que o fato de utilizar fontes orais nos leva conseqüentemente a estabelecer uma reflexão acerca de alguns conceitos, como Memória. Os limites colocados pela história oral, se caracterizam pela impossibilidade dos sujeitos de se recordarem de todos os aspectos relativos à sua experiência. Evidentemente é preciso relativizar, pois o que seria tudo? Precisamos considerar que, o relato de uma determinada experiência é algo extremamente subjetivo, lembrando que nós só nos recordamos daquilo que, de alguma forma, nos marcou ou foi significativo, seja de maneira positiva ou negativa.

Nesse sentido, compreendo a memória como sendo a forma como as pessoas interiorizam o passado, associada a forma como se revista isso no momento da entrevista. É preciso pensar ainda que a memória é algo extremamente fragmentado, pois os acontecimentos em nossa vida não possuem realmente uma “lógica real”, são desconexos e sem sentido, e que no momento em que nos lembramos deles, reelaboramos e damos um sentido. O mesmo ocorre com a narrativa, ela tem uma coerência, quando sabemos que os acontecimentos não. Isso nos leva a pensar que a construção de uma narrativa exige uma lógica, um sentido e conseqüentemente a uma necessidade por parte do entrevistado de pensar: *“como eu me olho? E como me vejo na minha relação com as pessoas?”*⁸

⁸ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1991.

Ao ler uma entrevista, por vez encontro questões que não são muito relevantes do meu ponto de vista, porém não posso desconsiderá-las pois, se foram colocadas é porque são importantes para quem estava narrando. O mesmo pode ocorrer, quando no momento da entrevista insisto em questões que me interessa mas sou obrigada a me contentar com respostas curtas e indiferentes, se o tema não desperta o interesse do entrevistado.

Portanto, trabalhar com fontes orais significa, talvez incorrer no risco de termos algumas lacunas, silêncios no resultado final de nosso trabalho que permanecerão sem respostas. Por outro lado, sabemos que a investigação histórica implica em optarmos por algumas coisas e excluirmos outras. Não podermos ser totalizantes, ou seja, não seria possível abarcar de forma ampla e total as experiências dos varredores de rua em Uberlândia num determinado período. Posso sim, no limite, buscar investigar, reconstituir e problematizar as experiências desses sujeitos, em diversos aspectos, mas alguns serão mais aprofundados que outros, devido ao papel que desempenham na própria vida do sujeito.

Possivelmente poderíamos nos perguntar qual a importância ou mesmo o porque, de se pensar algumas questões acerca da Memória, ou melhor, com qual conceito de memória estamos lidando e quais são nossos pressupostos. E seria importante responder, ou ao menos refletir uma vez que, esses são temas raros a nós historiadores, mais ainda quando nos aventuramos a trabalhar com fontes orais.

Na tentativa de problematizar acerca de um determinado conceito de memória e sua relação com a história oral no processo de investigação, acredito que seria importante resgatar a possibilidade da entrevista enquanto um espaço para o diálogo, um momento de reelaboração e reflexão para ambos, entrevistado e entrevistador. Afirmo que para o entrevistador também

pois, particularmente considero um interessante fator de aprendizagem a oportunidade de enquanto pesquisadora, tomar contato com outras experiências, outros valores, diferentes dos meus. No processo de investigação da pesquisa, isso se dá constantemente.

Ao se falar da entrevista enquanto um espaço para o conhecimento e enquanto um momento de elaborar a própria experiência, ou seja, a memória enquanto recordação, lembrança e esta, sendo possível de transformação por ser algo dinâmico e sujeito a condição presente do indivíduo. Novamente podemos recorrer a Alistair Thomson afim de ilustrar melhor essa questão:

*“(...) As experiências novas constantemente reformulamos imagens antigas e por conseguinte criam os novos modos de compreensão. A memória “depende da relação passado-presente, e envolve um processo constante de reconstrução e transformação da experiência recordada” em função das mudanças dos relatos públicos sobre o passado. Quais memórias escolhemos para recordar e relatar (e então relembrar) e como damos sentido a elas são questões que mudam com o tempo”.*⁹

Ao longo do referente texto, o autor Alistair Thomson consegue abarcar diversas questões importantes de serem pensadas, quando refletimos acerca da memória, como algo plenamente em construção e passível de mudança, ou seja, a surpreendente e magnífica capacidade que possui o ser humano de “olhar para trás” e ser capaz, a cada vez que o fizer, fazer de uma maneira que o possibilite estar mais em paz consigo mesmo ou não, pois como o próprio autor nos diz, as recordações podem ser por vezes, angustiantes ao extremo. *“(...) A recordação também varia de acordo com a (re) mudança de nossa identidade pessoal, a qual me leva a uma segunda interpretação mais psicológica de “composição” a necessidade de comportar um passado com o qual passamos a conviver. Nossa identidade (ou “identidades” um termo mais apropriado para indicar a multi-faceta e contraditória natureza da subjetividade) é a consciência do eu, a qual construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vida com o passar do tempo. Nós construímos nossas identidades ao contar histórias - ou para nós mesmos como histórias*

⁹ THOMSON, Alistair. “Desconstruindo a Memória. Questões sobre as Relações. História Oral e Recordação”. In: *Trabalho para a conferência Brasileira de História Oral “História Oral e Ética”*, Outubro, 1995.

*secretas ou fantasias, ou para outras pessoas em situações sociais. A recordação é uma das principais formas de nos identificarmos na narração da história. Ao narrarmos a história, identificamos aquilo que julgamos ter sido, quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser. As histórias que recordamos não serão exatamente as representações do nosso passado, mas trarão aspectos dele, os quais serão moldados para se ajustar as atuais identidades e aspirações. Assim sendo, podemos dizer que nossas identidades formam a recordação, quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser influi no que julgamos ter sido. As memórias são passados representativos os quais compomos para dar um sentido mais satisfatório a nossa vida com o passar do tempo, e nos quais as identidades anteriores e atuais estão em perfeita harmonia”.*¹⁰

Penso que consegui a partir dessa referência a Alistair Thomson, trazer a tona várias questões que me pareciam importantes de serem avaliadas. O caráter subjetivo da memória, bem como a própria subjetividade presente na entrevista são elementos que necessitam de minha reflexão e da sensibilidade de quem toma contato com os resultados da investigação, afim de se obter uma percepção mais ampla dos pressupostos teóricos, assim como do desenvolvimento da pesquisa.

Já fiz referências anteriores às lacunas, aos silêncios que possam estar presente ao trabalharmos com fontes orais e lidarmos diretamente com algo tão misterioso e instigante como a memória. Mas, não podemos nos dar ao luxo de reduzir a discussão acerca da memória, a uma questão do indivíduo lembrar-se de alguns fatos e esquecer-se de outros, uma vez que essa é uma reflexão que caracteriza-se por uma maior complexidade. Espero que as evocações do autor Michael Pollak possam colaborar para deslindar esse debate;

“(...) Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe a “memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento essa abordagem faz da empatia com os grupos

¹⁰ THOMSON, Alistair. Op. Cit.

*dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade”.*¹¹

Nesse sentido, o texto: “Memória, Esquecimento, Silêncio”, do referido autor, nos possibilita apontar a complexidade em torno da polêmica, acerca do trabalho com fontes orais. Primeiramente acredito ser interessante chamar a atenção para a concepção de memória do autor, que perpassa também, uma compreensão de memória enquanto recordação e em transformação permanente. E mais ainda, como a memória se constitui de maneira conflitante, sendo também um espaço de disputa, de luta. Portanto, essas questões nos levam a buscar outra vez, explicitar o caráter de reconstituição iminente da História Oral. Isso se dá quando o objetivo é registrar e compreender a experiência dos trabalhadores que estão marginalizados pela sociedade e até mesmo pela historiografia local, que até o momento não atentou para a importância destes enquanto sujeitos na constituição das relações sociais em Uberlândia. O que é mais singular em meu trabalho (sem pretensão) é a possibilidade da reconstituição histórica na perspectiva dos próprios trabalhadores. Sendo assim, compreendo que há um redimensionamento na forma de se perceber e pensar a cidade e sua organização, ou seja, isso é feito sob a ótica dos sujeitos do processo de investigação, o que revela e nos permite revelar os conflitos pungentes, mas de alguma forma, contidos por quem prefere mantê-los assim, o poder público local, por exemplo.

“(…) O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, e a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de

¹¹ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio.” In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol. 02, n.º 03, 1989. pp. 3-15.

*amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”.*¹²

Esse trecho também extraído do texto de Michael Pollak, nos permite pensar que, a investigação acerca de temas considerados aparentemente sem importância ou destituídos de interesses para as pessoas em geral, pode nos surpreender e revelar questões de cunho político, econômico e social de maneira pertinente e muito ampla.

Durante o processo de investigação, buscando conseguir as entrevistas, pude tomar contato com alguns bairros da cidade, assim como a realidade que os permeia.

Optei por não delimitar um espaço físico para atuar, ou seja, não fiquei limitada a entrevistar trabalhadores somente de um bairro ou outro, busquei fazê-lo onde foi possível. Até mesmo devido às dificuldades existentes em estabelecer contato com os varredores de rua. É muito comum vê-los no centro da cidade, pelas ruas e nos bairros. Mas, no momento em que saía à procura de algum trabalhador a ser entrevistado, era raro encontrá-los com tempo disponível para tal.

Muitas das entrevistas foram gravadas em fitas K-7, durante estas, busquei motivar o entrevistado a falar de sua vida, abordando todos os aspectos: trabalho, moradia, lazer, religiosidade, etc. Nas primeiras entrevistas realizadas, me ausentei da preocupação em elaborar um roteiro. Ao passo que nas entrevistas posteriores, percebi que isso seria necessário como forma de melhor conduzir a entrevista. Daí então, pude notar que as entrevistas ficaram mais produtivas. Contudo, nem todas as questões interessantes que surgiram

¹² POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol. 02, n.º 03, 1989. pp. 3-15.

constavam em meu roteiro de perguntas, mesmo assim foram aproveitadas para aprofundar as questões relativas aos trabalhadores investigados.

No momento da transcrição das fitas, preservei ao máximo a “fala” da pessoa, de maneira que não se perdesse as características individuais do entrevistado. A atividade de transcrever as fitas é algo cansativo, demorado e desgastante. Isso também contribuiu para dificultar o processo de investigação.

Na tentativa de justificar o marco cronológico estabelecido por essa pesquisa, definido entre 1982-1995, pois foi na década dos anos 80 que se tem um período conhecido do interregno (Zaire) ganha as eleições e tem início a “Democracia Participativa”.

É sabido que o município de Uberlândia, desde 1950 vivencia um considerável crescimento, profundamente exaltado pela imprensa, pelo poder público e também pela burguesia local. Compreendo que vários trabalhadores entrevistados, ao vir para a cidade, o fizeram envolvidos por esse discurso ufanista. Com isso quero apontar para o fato de que, a idéia da cidade de Uberlândia como sendo uma cidade que se autodenomina progressista, moderna, é algo que já se fazia presente nos anos 50 e de lá para cá esta imagem de uma cidade jardim e muito constante...

“(...) Uberlândia, uma cidade como tantas outras no Brasil do século XIX, da perspectiva da classe dominante teve, e tem como pressuposto básico de sua história, a ordem e o progresso. A modernidade é parte constitutiva desse pressuposto e significa, em termos amplos, estar aberta a todas as conquistas tecnológicas que pudessem trazer benefícios à sociedade. Aplicada a sua história cotidiana, pode ser traduzida, por medidas concretas que vão desde a luta política por condições que favoreçam o seu desenvolvimento econômico até o planejamento e disciplinarização de seu espaço urbano, aliando o gosto estético a ordem... Essa posição de destaque que Uberlândia ocupa no cenário mineiro e nacional demonstra que o município acompanha o ritmo das

*transformações urbanísticas ocorridas no Brasil entre as décadas de 50 e 80”.*¹³

Mas, ao buscar problematizar as experiências dos varredores de rua na cidade, não pude me deter exclusivamente ao período estabelecido pela pesquisa, principalmente por perceber que, ao retratarem suas experiências, os trabalhadores não separam objetivamente passado/presente, o que me levou a constatar que, por vezes marcos cronológicos estabelecidos de forma rigorosa, podem nos limitar na compreensão de certas questões, ao longo da investigação.

*“(...) No interior desse processo de universo imbricados, o tempo cronológico inexistente. O tempo da memória e o tempo da experiência de um período de vida de atividade profissional, política, religiosa, cultural afetiva... que nos arrebatam e condicionam quase inteiramente, nos fazendo perceber e reconstituir a realidade de uma determinada maneira. Realizar uma entrevista é sobretudo, a tentativa de visitar com o entrevistado esses territórios diversos, que se relacionam e se comunicam através de uma lógica para nós desconhecida”.*¹⁴

Fiz opção por organizar essa monografia da seguinte maneira: Introdução, onde dou uma prévia do que estou trabalhando. Neste momento falo dos parâmetros utilizados para a compreensão do uso da História Oral.

No primeiro capítulo, faço uma relação da vida na cidade e o trabalho.

O segundo capítulo, trabalho com a hostilidade entre população e os varredores de rua. Traçando o perfil dos trabalhadores e suas condições de trabalho, abordando também outros aspectos significativos da experiência desses trabalhadores, como educação, religiosidade e lazer.

¹³ MACHADO, M.^a Clara Tomaz. “Muito aquém do paraíso: Ordem, progresso e disciplina em Uberlândia”. In: *História & Perspectiva*. Uberlândia: Revista do Curso de História da (UFU), n.º 4º, jan/jun. 1991. p. 37.

¹⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. “História Oral: Caminhos e descaminhos”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. Vol. 13, n.º 25/26, Agosto/Setembro/1993. p. 60.

CAPÍTULO I

A VIDA NA CIDADE E O TRABALHO

“Tendo como base o Núcleo Micro Regional de Emprego (SINE) de Uberlândia, não há desemprego na cidade. O índice é normal e dentro do índice nacional. Em todo início de ano, nos primeiros três meses em qualquer cidade do Brasil, notadamente a de maior expansão territorial como é Uberlândia, há maior migração. Muitos deixam suas cidades e vem para matricular em Universidade ou até mesmo em nossas escolas de primeiro e segundo graus. Enquanto uns estudam , outros procuram empregos. Daí a migração há um pequeno número de desempregados.

Não concordamos com as críticas de um jornal da cidade, sem base em números oficiais, o presidente da câmara Municipal, Ângelo Cunha Neto apresenta a realidade dos fatos, sem se basear em números fantasmas como o jornal deu a notícia, tendo como base o mês de fevereiro podemos citar que houve mais empregos do que dispensa. O índice nacional, segundo o SINE, de desemprego atinge um total de 6,5% e, Uberlândia esta dentro deste índice. E com uma ótima notícia ele esta diminuindo na cidade.

Não existe o numero de 15 mil desempregados na cidade. Ninguém conhece este lado, apenas o jornal, diz Ângelo. Importantes industriais se instalam na cidade, a vida bancária segue seu ritmo normal de atividades e nenhum sindicato afirmou, oficializou aquele número, ou seja 15 mil desempregados na cidade. Os restaurantes se multiplicam em vários setores da cidade. Quanto aos terrenos não caíram de preços. Há valorização, o preço real está sendo registrado. Basta olhar no final da avenida Getúlio Vargas, onde a ligação em breve atingirá o Bairro Tubalina. É preciso uma visita a Lagoinha onde os terrenos também tem a sua valorização conhecida. Em todos os setores de nosso município a vida é normal. Não há crise na cidade, só mesmo os falsos profetas e derrotistas podem admitir tal situação por desconhecerem por completo, o grande espírito de trabalho dos Uberlandenses. Não há dispensa, não há desvalorização de terrenos, não há falta de empregos na cidade. Para quem quer trabalhar e viver bem, Uberlândia continua abrindo suas portas, afirmou o presidente da câmara municipal Ângelo Cunha Neto”.¹⁵

Com a propaganda feita sobre a cidade por parte de seus governantes, que há apontavam como uma cidade progressista, dinamizadora e que estava sempre em crescimento, fazendo crer que morar em Uberlândia nada mais era do que um privilégio e que para fazer jus a ele, era preciso trabalhar, ou seja,

¹⁵ “Uberlândia sem desemprego e sem crise”. *Correio de Uberlândia*, 7 de abril de 1981. p. 01.

mesmo com alguns entraves visíveis na retração econômica e na corrosão dos salários provocados pela inflação nos anos 80, a cidade Uberlândia havia encontrado meios para superar obstáculos e manter o seu acelerado desenvolvimento em todos os setores econômicos e sociais.

No discurso da classe dominante, está incluso a discriminação pelos trabalhadores. Os trabalhadores acreditam neles, absorvendo para se este discurso. Assim, os setores dominantes se utilizaram não só do discurso, como também do poder, da violência, do preconceito, buscando eliminar o mal (a mendicância, o ócio) por não ser uma realidade condizente com as condições que a cidade de Uberlândia oferecia, na concepção da cidade feita pelo discurso há uma oferta relativa de emprego para aqueles que o desejassem e queriam adquirir riqueza ter uma posição digna de se viver. Em suma, o trabalho era visto como a fonte e o caminho da vida, e essa condição básica era oferecida. Portanto, só não estavam empregados aqueles que não se enquadravam nessas perspectivas aspirada pelo poder local, aos outros restava a marginalização.

“Uberlândia, vive fora do círculo de crise econômica e social que se aperta em torno da maioria das cidades do País. Em Uberlândia, é quase inacreditável, não existem mendigos pelas ruas. Em vez de desemprego, ali há vagas em oferta em muitas empresas, inclusive as de construção civil”.¹⁶

Com essa imagem de “cidade maravilha” os trabalhadores vieram para Uberlândia, na ilusão de que suas vidas seriam melhores aqui.

Porém, há contradição entre a imagem constituída pelo discurso e a realidade objetiva, quando aqui chegaram.

Optei por organizar assim esse capítulo, acreditando que isso contribuiria no processo de refletir as experiências dos varredores de rua. No

¹⁶ “Crise a distância Revista” *Veja*, n.º 1002 São Paulo: Abril Cultural. 18 de novembro de 1987. pp. 66-73.

que se refere, a questão de melhores condições de vida, na busca constante por um lugar que possa chamar de seu.

Entre os trabalhadores entrevistados uma pouca minoria nasceram em Uberlândia. Alguns vieram de cidades e Estados vizinhos como: Araguari, Centralina, Patrocínio, São Gotardo, Estado de Goiás. E outros vieram do Norte e Nordeste do País, muitos desses trabalhadores percorreram vários lugares antes de chegarem aqui e a vinda para a cidade é caracterizada por uma esperança de melhoria das condições de vida. As entrevistas vão possibilitar tomar conhecimento das diferentes trajetórias de vida desses trabalhadores, assim como as alternativas que buscaram, quando sentiram-se desapontados em suas expectativas, em relação à cidade e ao que ela pudesse oferecer em termos de moradia, emprego, saúde, lazer entre outros aspectos.

Assim como em todos os outros aspectos, a questão de onde morar, será diferente na experiência de cada um desses trabalhadores. Alguns puderam ter acesso a um lugar para morar, mesmo com muita dificuldade. Quando fala da luta para obter sua própria casa, cada um dos trabalhadores que a possui conta de como foi difícil conseguir.

"(...) É, depois de muitos anos comprei o terreno, pejejei daqui, pejejei dali um monte de tempo, até que fiz um barraquinho, né? Fiz esse barraco aí ... onde moro, naquele barraquinho véio ali ô, de placa de muro. Agora eu financiei, pá pode construí uma casa mió né?"

Contudo, ao vê-lo falar pude perceber que Seu José Sales¹⁷ se sente satisfeito por ter onde morar, mais ainda, o fato de poder afirmar que sua casa o pertence, consiste em uma enorme satisfação. A casa desse trabalhador, mesmo sendo muito simples revela a criatividade e esforço afim de melhor

¹⁷ José Sales Pessoa, 58 anos. Entrevista n.º07 realizada em 7 de dezembro 1998 (ele é funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

sobreviver, principalmente agora que o mesmo alimenta a esperança de poder construir uma casa melhor.

Os varredores de rua constituem uma categoria de trabalhadores extremamente carente, em vários aspectos. A busca pelo local de moradia, irá se dar de diversas maneiras, de acordo com as condições de vida e a experiência de cada um. Seu José conta que ao vir para a cidade fugindo da seca do nordeste enfrentou muitas dificuldades. Uma das maiores dificuldades, está ligada principalmente pelo fato de que Seu José não teve estudo. Por causa disto, ele só encontrava serviço braçal, como: lavrador, servente de pedreiro entre outros.

Ao falar desses momentos difíceis, esse trabalhador exprime sua angústia. Por já está em idade avançada sua saúde não é lá essas coisas, embora quando perguntado se tinha algum problema de saúde o mesmo diz que não o tem.

Divino Florentino da Silva¹⁸ nasceu em Centralina - MG. Conta que antes de vir para Uberlândia, morou em outras cidades. Ao chegar aqui, diz que só encontrou trabalho braçal.

“(...) Tive assim trabaia na roça sabe? Mexi com café, essa coisa assim, tirô isso não tive mais outro trabaio.”

Divino é solteiro, tem 35 anos e mora com a sua família, no Bairro Luizote de Freitas, a casa pertence a família, e, é financiada pela Caixa Econômica Federal. É dessas casas de conjunto, financiadas com verba do governo federal, para denominada população de baixa renda. Quando perguntei **para Divino quantos anos ainda faltava para quitarem a casa**, esse não soube responder se ainda faltava 5 ou 10 anos para a quitação da mesma.

¹⁸ Divino Florentino da Silva, 35 anos. Entrevista n.º 03, realizada em 15 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

Provavelmente nos dias de hoje, com o salário que Divino ganha, não teria condições de comprar uma casa semelhante a que eles moram. As casas que atualmente são construídas e colocadas à venda para famílias carentes, são de qualidade bem inferior e de valor excessivamente alto. Na verdade, isso se constitui em um grave problema enfrentado pelas famílias pobres residentes em Uberlândia, a especulação imobiliária, que terá como consequência, a existência de favelas, uma alternativa encontrada pelas pessoas, que sem ter onde morar e não tendo como pagar aluguel, constroem barracos nas condições em que lhes é possível, em determinados locais.

Entre os trabalhadores entrevistados, a Ana Paula¹⁹, nascida em Quirinópolis - GO e residente em Uberlândia há 4 anos. Ela conta que saiu de sua cidade, andou por outras cidades e por já possuir alguns parentes aqui acabou por vir morar aqui também. Segundo ela, veio para Uberlândia para tratar de problemas de saúde na medicina**** e na expectativa de encontrar emprego que pudesse mantê-la numa condição digna de sobrevivência.

“(...) Eu pensei: Ah! eu tenho que ir, é isso aí mesmo. Porque num tem outro recurso. Ai vim mora aqui, e depois que eu fiz uma operação no coração fui procurá emprego, mais eu só encontrei trabalho de doméstica e foi depois disso que eu vim pra varreção de rua. Porque quando agente trabalhava de doméstica, agente não tem carteira assinada né? Como eu tenho problema de saúde eu pensei que tinha que arrumá um emprego que tivesse um plano de saúde, é por isso que eu tô nesse serviço, eu não gosto do que faço, mais não tenho muito chance de arrumá outro emprego, eu não tenho muito estudo. E aqui, em Uberlândia quem não tem estudo não consegue quase nada.”²⁰

Quando fala desses momentos difíceis de sua vida, Ana Paula fica sensibilizada e o que diz demonstra que, a vinda para Uberlândia é marcada

¹⁹ Ana Paula Borges, 26 anos. Entrevista nº15, realizada em 13 de Dezembro de 1998. (Funcionária da Limpel período diurno)

**** Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, denominado de Medicina, extremamente conhecido e procurado pela população das cidades da região.

²⁰ Idem.

por muitas dificuldades e o que é mais triste é o fato que ela ainda não conseguiu sair do aluguel, mais por outro lado esta é a luta da grande maioria dos trabalhadores desta categoria. Ana Paula, na sua fala passou uma certa revolta por muitas vezes ser discriminada na hora de procurar emprego ou lugar para morar.

Ela diz “(...)que as pessoas desta cidade não são muito acolhedoras”. Por um lado, Ana Paula está certa, por outro lado, ela estava acostumada com a solidariedade das pessoas de sua cidade, que é uma cidade do interior de Goiás, e muitas vezes cidades como a dela traz esta característica de “ calor humano”.

Dentre os trabalhadores que vieram de outras cidades vizinhas, pude conhecer no processo de investigação, Dona Aparecida Maria Gomes²¹. Morando há mais de 25 anos em Uberlândia, ela diz que sente-se como se tivesse aqui nascido, mas veio de Patrocínio - MG. Suas lembranças da cidade de origem não são muito agradáveis:

“Que eu sai de Patrocínio, morava na roça sabe? as coisas num tava muito boa, então agente veio pra cá nê? mais quando aqui nois veio não consegui arrumá emprego senão de doméstica.”

Assim como vários outros trabalhadores, Dona Aparecida veio para a região na esperança de encontrar melhores condições de vida e de trabalho, em oposição à Patrocínio. Uma característica marcante em quase todas as entrevistadas é que suas experiências de trabalho anteriores, está relacionada com serviços domésticos. E os entrevistados na sua grande maioria fizeram trabalhos braçais. E ainda analisando o conteúdo das entrevistas, percebo que a região Minas Gerais - São Paulo se configurou como uma possibilidade de maior fartura ou no mínimo, oportunidade de trabalho para os trabalhadores que para cá vieram nos anos 70.

O que Dona Aparecida, e outros varredores de rua disseram, me levou a pensar o quanto foi significativo para esses trabalhadores adquirirem sua própria casa. Ter onde morar, ser dono de sua própria casa, está associado ao reconhecimento da própria dignidade e da valorização de sua pessoa. Mas para além disso, compreendo que para grande parte dos varredores de rua entrevistados, o fato de serem o proprietário de suas casas, é algo importante, pois os colocam numa situação de inserção num determinado grupo. Entendo que isso faz com que não sintam-se marginalizados, uma vez que a casa é o espaço privado para resguardar a família, receber os amigos. A casa é a conquista de um espaço para morar e de alguma forma confere uma identidade.

A experiência dos trabalhadores, com os quais tive contato, em relação à cidade irá caracterizar algo, que considero por demais ambíguo e contraditório. À medida em que falavam de seus sonhos e anseios, pude perceber a relação que se estabelece, entre as aspirações desses trabalhadores e a imagem que possuem da cidade, que foi aos poucos sendo construída. E a ambiguidade a que me refiro se faz presente justamente aí: no fato de que os varredores de rua sonham com melhores condições de vida, mas vivem uma realidade distante disso e nem assim, deixam de afirmar que seja bom morar em Uberlândia.

José Antônio da Silva²², nasceu em Cel. Ezequiel - RN, está em Uberlândia há 20 anos e ao falar de suas impressões, coloca o seguinte:

"(...) Morá aqui em Uberlândia é bom né? pra quem não tem medo de trabaio, é que não falta nada não sabe? Porque tudo aqui, que ocê faze, ocê ganha dinheiro. Teno saúde e corage pra trabaiaá, ganha dinheiro".

²¹ Aparecida Maria Gomes, 42 anos. Entrevista nº16, realizada em 15 de dezembro de 1998. (Funcionária da Limpel período diurno)

²² José Antônio da Silva, 35 anos. Entrevista nº04, realizada em 16 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno)

É intrigante pensar acerca dessa contraditória relação entre o discurso e a experiência vivida, certamente não podem ser tão díspares, como parecem, ou seja, ao falar de suas experiências na cidade, os trabalhadores apontam concretamente o que os fazem gostar de viver aqui.

*“(...) Falá a verdade ó! num sei não , se num fosse esse pessoal daqui sê muito bão, eu num tinha guentado vivê nisso aqui não? num tinha não, de jeito nenhum! essa cidade é uma beleza, o povo é tudo bão, eu num saio daqui mais não né?”.*²³

As reflexões de José Antônio acerca da cidade de Uberlândia estão marcadas por lembranças do lugar de onde veio, ele estabelece certas comparações e talvez a vida lá fosse mais difícil ainda, o que faz pensar que aqui, as condições de vida sejam melhores. Ao analisar o discurso dos trabalhadores acerca das relações que foram estabelecendo aos poucos no bairro, no trabalho, com os amigos, pensei ser importante refletir um pouco sobre o que seria a cidade para os varredores de rua. Afirimo isso, devido ao fato de que, ao falarem de suas impressões acerca da cidade, os trabalhadores sempre se reportam ao bairro, às relações com os vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Possivelmente, para os trabalhadores entrevistados, o agrupamento de todos esses elementos seria o que se constitui, a cidade. Isso significa então que, para compreender o que seja a cidade para os trabalhadores, é preciso que ampliemos nossa visão de cidade. Seria errôneo pensar que, a imagem de cidade para os varredores de rua, seria algo somente externo, influenciada pela imprensa ou pela administração municipal. Tudo isso está de uma certa maneira imbricado, mas por outro lado, os trabalhadores não deixaram de reelaborar esse discurso, elaborando um outro, a partir de suas próprias experiências nesse espaço. Talvez por isso a imagem de uma cidade solidária e caridosa, seja algo constante na fala de alguns varredores.

²³ Idem.

A violência urbana também se constitui em um problema enfrentado pelos varredores de rua. Como moradores de bairros periféricos, esses trabalhadores precisam lidar com a violência como uma constante em suas vidas. Para seu Raul Muniz da Silva²⁴, isso se configura em um sério problema, no momento em que precisa sair e não é seguro deixar a casa sem alguém, ou quando regressão para casa. É como seu Raul nos conta sua experiência no dia em que recebeu sua cesta de alimentos, ou até mesmo quando estes vão ao banco receber seus salários.

“(...) de onde eu trabalhava até a minha casa era uns quinze minutos, aí divido que nós foi fazê uma feira não tinha ônibus mais. Quando eles trazia a cesta e nós guardava na caixa de guardá o nosso equipamento de trabáio, depois que nós levava pra casa. Já não tinha ônibus aí eu felei daqui em casa é pertinho, quinze minuto eu levo essa cesta nas minhas costa mesmo. Cheguei na Getúlio Vargas os cara mi tomou ela, olha eu cheguei em casa tão nervoso com aquilo, falei puxa! Agente ganha pouco trabaia o meis inteiro, não pode perde o dia pra não perde a cesta né? que já é uma ajuda muito grande e o cara chega e leva assim, se não entrega eles mata agente, o cara tava tipo uma faca assim ó na mão (...) eu cheguei lá em casa que o sangue escorreno assim na camisa, nossa mais que raiva! eu fiquei, eu não dormi a noite pensano aqui em Uberlândia tá difícil demais. A violência aqui tá cada dia maior. E o medo que eu passo quando sai o pagamento, esse povo sabe o dia que sai o pagamento. O pagamento é feito no banco, o perigo tá na hora que sai do banco pra fora. Já teve colega da firma que foi assaltado, assim que saiu do banco eles chega e pega tudo pra eles tanto faiz mata ou morre.”²⁵

Ao abordar essa questão da violência, esses trabalhadores possibilitam descortinar um outro lado da cidade, e com certeza, não é um lado, que seja mostrado pela imprensa, pelo poder público. Na verdade, ao falar de seus problemas, os varredores de rua permitem desconstruir o discurso de Uberlândia, como uma “ cidade modelo, progresso” até mesmo porque, esse suposto progresso não se faz presente no cotidiano deles. Torna-se visível isso,

²⁴ Raul Muniz da Silva, 45 anos. Entrevista n°6 realizada em 16 de novembro de 1998. Limpel período noturno.

²⁵ Raul Muniz da Silva, 45 anos. Entrevista n°06, realizada em 16 de novembro de 1998.(Funcionário da Limpel período noturno).

quando os varredores de rua abordam questões referentes ao bairro onde residem. Percebem o crescimento da cidade, mas este não chega até o bairro, onde a escola não atende a todas as crianças, falta um posto de saúde e outras coisas necessárias à sobrevivência. Compreendo perfeitamente que a violência urbana é algo corriqueiro em nossos dias, mas ainda assim gostaria de chamar a atenção para a maneira específica como esta se revela na experiência dos varredores de rua de Uberlândia.

Sendo assim, compreendo que não é possível definir com exatidão uma imagem de cidade para os trabalhadores. Afirmo anteriormente que, acredito numa relação direta entre as experiências cotidianas vividas no bairro, as relações estabelecidas, amizade e até mesmo, os conflitos é uma imagem de cidade. Mas de qualquer forma, essa imagem se apresenta de múltiplas formas, num mesmo discurso, elaborado por um mesmo sujeito. A cidade para alguns trabalhadores é tranquila e boa, mas é também violenta, perigosa, agressiva. Para outros trabalhadores entrevistados, a cidade é um bom lugar para se viver, “em vista de ser pobre”. Porém é também o lugar do desemprego, da luta árdua e constante por uma sobrevivência mínima, em péssimas condições de vida.

Por isso mesmo, tem sido difícil lidar com as experiências desses trabalhadores, apesar de que a riqueza do trabalho encontra-se justamente aí nesse emaranhado de discursos, de práticas e de diferentes e contraditórias impressões, acerca de um mesmo objeto, a cidade. Mas o interesse maior da pesquisa é realmente problematizar a visão que possuem os varredores de rua. Com todos os limites se estabeleceu aqui uma tentativa. É preciso pontuar ainda, a contribuição das fontes orais no processo como um todo e continuar a pesquisa, buscando aprofundar esse aspecto.

CAPÍTULO II

A HOSTILIDADE ENTRE POPULAÇÃO E OS VARREDORES DE RUA: E OS DIVERSOS ASPECTOS DO TRABALHO

A cidade que diz ordeira, progressista mostra seus problemas que se refere à limpeza urbana, problemas com o lixo, com o mato, abandono de certas áreas, foram, sem dúvida fatores que desencadearam reclamações em diversas regiões da grande Uberlândia.

Em Uberlândia na década de 80, o que existia em termos de limpeza urbana era uma seção de limpeza pública operando precariamente, apática ao desenvolvimento de uma cidade com mais ou menos trezentos mil habitantes e em ritmo crescente de urbanização.

Neste período, início de 1983, apenas 30% da área pavimentada da cidade era assistida de varrição. A área central era varrida uma vez ao dia, somente no período noturno. A coleta de lixo atendia apenas 50% das moradias de Uberlândia e o lixo coletado era lançado a céu aberto, nos famosos “lixões da cidade”, sempre infestados de criação de porcos e assediados por catadores de lixo.

A questão da limpeza urbana reproduzia a hierarquia característica do espaço em uma sociedade, que se pautava pela concentração da riqueza.

Moradores de alguns bairros periféricos reclamavam do descaso da administração em relação às praças e ruas, entregues ao mato. Este era um cenário não condizente com a beleza arquitetônica da cidade, dando impressão de completo abandono e total desmazelo. Abandono poderia até existir em locais diversos, mas podemos observar, que uma boa parte da cidade era abastecida de higiene e controle do lixo, principalmente nos bairros mais centrais, como também naqueles onde residiam os mais abastados.

É neste período que Zaire Rezende assume a prefeitura de Uberlândia, com o discurso de “Democracia Participativa”.

Zaire, que começou sua campanha, como o candidato menos cotado, e surpreendentemente eleito com 40 mil votos o equivalente a soma dos votos dados aos três outros candidatos. Estava rompida a tradição de mando das antigas oligarquias políticas locais eivada de autoritarismo e conservadorismo.

Mesmo antes à sua administração, a questão da limpeza urbana já era colocada.

*“O serviço de limpeza que vem sendo comandado pelo vereador Orestes Cláudio Fernandes, está dando novo aspecto a cidade, em especial nos bairros onde existem lindas e majestosas residências(...) Foram realizados limpeza e capina em terrenos da AV. Rondon Pacheco e dos bairros Lidice e Altamira, capinas do meio fio das ruas e avenidas”.*²⁶

Porém, os anos vão passando, a cidade vai crescendo e o problema aumentando referente ao serviço de limpeza urbana, causando críticas por parte das autoridades locais.

*“(...) Observou Euripedes,** que no centro o mato está tomando conta da cidade. Nos meios fios a varrição tem dificuldades em realizar trabalhos pelo grande volume de mato. Ele disse ainda que já levou tal problema ao secretário municipal de serviços urbanos, pedindo a ele providências para que a cidade tenha uma solução para o problema. Acrescentou o vereador que Uberlândia deixou de ser cidade jardim para cidade capim(...)”.*²⁷

No ano de 87 é deflagrada uma greve pelos servidores públicos municipais, que tem uma duração de mais ou menos 10 dias. E a população de Uberlândia, começa a sentir o efeito de ficar sem os serviços de limpeza pública.

²⁶ “limpeza da novo aspecto a cidade”. *Correio de Uberlândia*, 12 de março de 1981. p. 01.

^{**} Euripedes Barsanulfo de Barros (Vereador de Uberlândia).

²⁷ “Críticas no Sistema de Limpeza Pública”. *Correio de Uberlândia*, 23 de maio de 1987. p. 03.

“Uberlândia que sempre se primou pela limpeza urbana, que sempre teve orgulho de suas vias públicas, limpas e ricamente enfeitadas pelo brilho de suas lojas, hoje vê com tristeza o lixo se amontoar pelas ruas sem pedir licença ou pagar qualquer imposto por ocupação indébita. A paciência que a população tem demonstrado em ensacar seu próprio lixo e mantê-lo em local adequado não tem encontrado respaldo, pois onde colocá-lo se não há o tal local apropriado, ou será que o mesmo foi desapropriado? Ora, nos bairros a situação não é menos pior: cada casa com seu número, cada casa com seus amontoados de pacotes, sacos e badulaques.

E as praças? Sérgio Pacheco, Tubal Vilela, Clarimundo Carneiro e todos os recantos verdes de nossa cidade?

Sabemos que esforços tem sido feito, porém paliativos não são remédios eficazes.

Há de haver uma saída para essa desenfreada situação do lixo no lixo.

Senão, daqui a alguns dias sentiremos saudades dos tempos de outrora: Uberlândia linda e respeitavelmente limpa!”²⁸

Para se resolver o problema outra alternativa foi tentada a colocação de menores pertencente a ICASU para a execução dos serviços de varrição das ruas.

“O vereador Antônio Naves (PMDB), que também é presidente da ICASU, a pedido da administração municipal, colocou na tarde da última terça-feira, 27, 20 menores na varrição das principais ruas do centro da cidade e também nas principais praças públicas.

Antônio Naves disse que esta é uma proposta que vem fazendo junto ao Prefeito Zaire Rezende desde 1986, aproveitando principalmente os menores nos bairros da cidade, onde as vias já se encontram pavimentadas, e que isso é por demais importante na adaptação dos meninos na instituição e que a partir desta adaptação é feito um curso de profissionalização destes menores e que depois são colocados em empresas em outros serviços, de maior responsabilidade.

Os menores que estão ajudando na varrição das ruas e praças do centro da cidade vem ajudar em muito a administração municipal na manutenção das vias urbanas, prejudicadas em sua limpeza com a paralisação do funcionalismo público municipal desde o último dia 20”²⁹

Estas questões, vem a tona e nos faz perceber o quanto é importante o serviço executado pelos varredores de rua. E a população mal educada que é,

²⁸ “Era uma vez uma cidade limpa”. Correio de Uberlândia, 28 de outubro de 1987, p. 02.

²⁹ “Mais 20 garotos na Limpeza Uberlândia”. Correio de Uberlândia, 29 de Outubro de 1987, p. 03.

só toma consciência da limpeza urbana, quando não está sendo feita. As pessoas não tem o devido respeito pelo profissional que a faz (isto vai ficar mais claro no decorrer do depoimento dos mesmos). Jogando o lixo pelas ruas, muitas vezes onde acabou de ser varrido, pensando que o varredor tem a obrigação de limpar sua sujeira .

Esses trabalhadores que executam os serviços de limpeza pública da cidade são pertencentes a dois segmentos de serviços: Prefeitura municipal e empresa privada.*** Em sua maioria, pessoas de faixa etária entre 25 e 55 anos, homens e mulheres, provenientes de famílias de baixa renda, onde recebem por volta de um salário mínimo e meio, muitos são semi-analfabetos e outros possuem o 1º grau incompleto.

São pessoas desprovidas de recursos simples, tanto na maneira de se vestir como na de se portar. A família é geralmente em número elevado.

Boa parte dos trabalhadores adquiriram casa própria através da Prefeitura e Emcop (Empresa Municipal de Construção Populares), outros estão em processo de seleção para liberação de novas unidades residenciais.

Existe porém uma grande parcela a espera de adquirir sua casa própria, mas muitos encontram certos entraves, principalmente devido a faixa salarial que não é suficiente para entrar dentro dos critérios exigidos pela Caixa Econômica Federal.

Os varredores, responsáveis pela limpeza das vias públicas, constantemente estão sujeitos a doenças e acidentes de trabalho devido a uma série de fatores tais como: equipamento inadequado para a execução do serviço, falta de um equipamento de proteção individual, percurso longo para varrer, falta de treinamento, entre outros.

*** Limpel Atividades Urbanas Ltda.

Tal serviço, por ser bastante desgastante, ocasiona vários problemas de saúde em decorrência do longo período de exposição ao sol, gerando pressão alta, dores de cabeça, tonturas, nervosismo e por executarem seus serviços em pé e em contato direto com a poeira, são freqüentes os casos de varizes, alergias, bronquite, problemas de coluna, osteoporose e envelhecimento precoce, devido ao grande esforço físico e pela falta de uma alimentação adequada.

De um modo geral, esses trabalhadores apresentam um grande potencial humano: São na maioria prestativos, mas de certa forma “acomodados” em função talvez de sua própria condição de vida.

No que diz respeito ao aspecto do trabalho, as condições também são diversas nas experiências dos varredores de rua em Uberlândia. Esses trabalhadores constituem uma categoria que sobrevive em difíceis condições. Tanto os varredores funcionários da Prefeitura como da empresa privada (Limpel) vivem mal, pois os trabalhadores entrevistados vivem em péssimas condições de vida, moradia, saúde e trabalho. Com isso, percebo que os varredores de rua talvez por sobreviverem na pobreza, a maioria possui um baixo grau de escolaridade. Suas expectativas de vida não são muitas, mesmo em um universo limitado de trabalho, devido ao baixo nível de instrução. Esses trabalhadores já se crêem velhos demais para buscar uma outra opção de vida ou trabalho.

Considerando ainda que nesse aspecto da opção, preciso apontar uma outra questão. Um outro aspecto interessante da experiência desses sujeitos é o fato de que, nem sempre, estes foram varredores de rua, ou seja, já exerceram outras funções, em outras circunstâncias. É interessante acrescentar que, de acordo com as experiências (que são diversas), a atividade de varrer a rua para

muitos se tornou a única alternativa de sobrevivência, independente do fato de já se ter tido uma experiência anterior.

A história da trajetória desses trabalhadores, vai nos colocar que, ao trabalhar de segunda a sábado 8 horas (para os funcionários da Limpel, pois os funcionários da Prefeitura é de segunda a sexta) por dia é algo muito cansativo e mal remunerado e o reflexo disto vem no final do mês com tantas despesas para pagar. Eles dizem que não tem nem o direito de ficarem doentes, porque, se não o dinheiro não dá para os remédios.

É o que diz o senhor José Olímpio Filho³⁰, natural de Araguari - MG, que trabalha a semana toda aqui em Uberlândia e quando pode vai para Araguari onde reside, nos finais de semana;

“(...) Meu salário aqui ó! Não permite que eu fico doente, se eu ficar não sei o que acontece né? minha família é todo mundo assim que nem eu mesmo, não tem condição.”

Fazendo parte de um grupo de trabalhadores, que já estão numa idade avançada, mas que precisam continuar trabalhando para sobreviver, recebendo um salário mínimo e meio por mês, o senhor Anizio José da Silva³¹ acorda cedo todos os dias para trabalhar, empurra o carrinho com o saco de lixo para ir pegando o lixo varrido por suas duas companheiras de serviço.

Aqui, nos deparamos com um outra questão o equipamento de trabalho, já que estou trabalhando com duas categorias de trabalhadores, uma faz parte da Prefeitura, a outra da Limpel. Os instrumentos de trabalho também é diferenciado, a vassoura do pessoal da Limpel é considerada grande e pesada para a atividade exercida, já a vassoura do pessoal da Prefeitura é de tamanho

³⁰ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº02, realizada em 01 julho de 1998. (Funcionário da Limpel período diurno).

³¹ Anizio José da Silva, 64 anos. Entrevista nº09, realizada em 08 de dezembro de 1998. (Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

normal, pois, se levarmos em consideração que é do tipo que se usa em casa, porém alguns varredores reclamam da mesma.

A vassoura para muitos trabalhadores principalmente para os varredores da Limpel, se constitui como um problema que muitas vezes se reflete na saúde dos mesmos. Uma vez que na sua maioria o serviço é feito por mulheres, no período diurno, porque no período noturno na região central o serviço é feito por homens.

Nesta divisão entre homens e mulheres, percebe-se que há uma certa discriminação pelo serviço, que anteriormente era feito por homens, pois era feito no período noturno, com o passar dos tempos e a diversificação dos lugares varridos, houve um maior predomínio das mulheres varrendo as ruas da cidade.

Este fato pode estar diretamente ligado ao baixo salário pago para a realização do mesmo, por isso, a maior presença das mulheres neste setor.

Esses trabalhadores vão se apresentar enquanto indivíduos, numa constante luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida. São pessoas que não permanecem passivas e inertes, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam. Dentre estas, o trânsito conturbado, o controle fiscal, o preconceito e a discriminação. Mas com tudo isso, ainda insistem em continuarem presentes pelas ruas, nos bairros e no centro da cidade, realizando o seu trabalho, da maneira que lhes seja possível.

O Senhor Luiz³² fala da relação da educação e até faz comparações com outros Países.

“(...) agora não me lembro qual é o País, mais lá a pessoa até dentro do carro ela usa uma sacolinha; cigarro, papel de bala, ou qualquer lixo pequeno que a pessoa vai jogar fora ela guarda dentro do carro usano a sacolinha, quer dizer ele chegou em casa tira a sacolinha bota na

³² Luiz Márcio Dias, 50 anos. Entrevista nº05, realizada em 20 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno, ele é fiscal e varredor de rua).

embalagem maior pra ser jogada fora, então quer dizer que aqui no Brasil podia ser feito a mesma coisa. Aqui diz que nós estamos no país de 3º mundo, nós estamos lá pelo décimo quinto há nível de educação é!”³³

E assim esses trabalhadores vão enfrentando o seu dia-a-dia. Enfrentando o preconceito e a discriminação existente, em relação a eles, os varredores de rua entrevistados afirmam não darem importância. Segundo eles, estão tranquilos, pois fazem o trabalho e não se importam com o que as pessoas, ao vê-los na rua, possam dizer ou pensar, confessam muitas vezes terem sido agredidos verbalmente e admitem que constantemente são tratados com indiferença. Com isso, entendo que dizer que não se incomoda com o preconceito é uma forma de defender-se do mesmo.

“(...) Tem uns que agente vai barre (varre) xinga agente de lixeiro, catingudo sabe? essas coisas, agente cabe (acaba) de barre, eles vai e joga papel. Tem uns povo aí de carro, agente vai barreno eles quase incosta na gente, eles não respeita agente não.”³⁴

Nesse sentido, os trabalhadores entrevistados vão assumir atitudes que, compreendo como uma resposta à discriminação. Dentre essas atitudes, percebo que há por parte dos trabalhadores uma necessidade de se reafirmarem enquanto tais:

“Trabalhei muito nessa minha vida, trabalhei na obra da construção civil, fui armadô, trabalhei muita na roça, fui lavradô. Mais agora faz uns cinco anos que trabalho na varrição e considero importante e necessário né? para as pessoas.”³⁵

Verdade seja dita, precisa-se trabalhar afim de sobreviver mas, para além disso, compreendo que para os varredores de rua, se afirmar enquanto **trabalhador demarca e diferencia**. Ao estabelecer que se é tralhador, se nega

³³ Idem

³⁴ Divino Florentino da Silva, 35 anos. Entrevista n.º03, realizada em 15 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno)

³⁵ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista n.º2 realizada em 01 julho de 1998. Limpel período diurno

uma possível definição de vagabundo, mendigo, marginal ou qualquer outra coisa. Tais denominação combinam com a imagem que algumas pessoas possam ter do varredor de rua a figura de jovem ou velho, um sujeito sujo, mas sempre fatigado, com aspecto cansado, varrendo as ruas. Penso que é dessa a imagem que os trabalhadores querem e tentam se defender, buscam acrescentar a ela um outro elemento, a dignidade, característica de quem a cada dia de sobrevivência, trava uma verdadeira batalha.

“(...) Eu acho muito importante o meu serviço tanto o meu como dos meus colega, só que é o seguinte: muita gente que não dá valô, tem muita gente passa pro cê assim xinga de cheiroso, outro chama de qualquer coisa, eu acho isso muito isquisito, porque é um serviço que agente tá fazeno é pra todo mundo, não é porque agente tá ganhano dinheiro que o povo quer abusar da gente, agente não tem o respeito por parte do povo, o povo não dá valô em varredô de rua não. Eu peço a Deus que sempre tenho esse serviço muito tempo, porque se não tiver agente vai vive de que, né? Num tem outro, principalmente pra mim né? Pros outros que trabaia aqui não sabe lê nem assina o nome, eu sei assiná o nome, mais muito pouco não é muita coisa.”³⁶

Seu José Olímpio, dentro da sua simplicidade ele sente que é explorado e que existe desigualdade entre os colegas de trabalho. Seu José Olímpio nos conta que:

“(...)Agente tinha que ter qualificação, entre agente, no meio da gente, porque a qualidade aqui ela é muito, como se diz nivelada né? tem pessoas que não vêm no serviço, ela ganha sabe? Outras pessoas trabaia de mais e não é respeitada , eles não cobre o mais que agente trabaia, eu mesmo só uma dessas pessoas, é! sou muito desvalorizado aqui, eu colete e varro, faço as duas coisas por exemplo, mais eles conta comigo só no carrinho, só na coleta, a parte que eu varro ninguém vê; Por exemplo eu trabaio com duas parceiras, hoje uma não veio, eu e a outra parceira nois fez o serviço de treis, mais não ganha nada à mais por isso, aí no caso por exemplo, ou ela ganha nas nossas costa o dia que é o que acontece aqui, ou se a empresa corta o dia dela, ela ficou com a parte dela para a empresa, porque nois fizemo a parte dela”³⁷

³⁶ José Antônio da Silva, 35 anos. Entrevista nº04, realizada em 16 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

³⁷ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº02, realizada em 01 julho de 1998.(Funcionário da Limpel período diurno).

“Eu não estudei nenhuma série, comecei no primeiro ano, mais é! morava lá no Norte, meus pais num tinha condição, lá nesse tempo era muito fraco esse negócio de escola, quase não existia isso, quando existia meu pai não tinha condição de min dá estudo, mais eu não vou culpá ele por conta disso, porque não tinha condição então era só trabaiano.”³⁸

Dentro do processo de refletir as experiências dos varredores de rua, penso que, trabalhar todos os aspectos que extrapolem o tema trabalho (educação, religiosidade, família, lazer ...) de forma conjunta, será melhor que separá-los e discutir cada um individualmente.

Em relação à educação, os varredores de rua entrevistados, vão se apresentar como indivíduos que apresentam um baixo grau de escolaridade. Interessante, que ao menos quanto a esse aspecto, as experiências dos diferentes sujeitos apresentam algumas semelhanças.

O que alguns trabalhadores apontam ser a causa, da ausência de escolaridade, é muitas vezes o fato de terem crescido sem os pais, ou com estes, mas em condição de extrema pobreza. Sendo assim, o baixo nível de escolaridade, também é um fator responsável pela condição em que vivem alguns trabalhadores.

Esse fator me levou a refletir, que grau de influência, isso exerce na educação que os varredores de rua irão idealizar para seus próprios filhos ou não, como mais comumente acontece.

“(...) Não estudei nada. Não sei de nada. É aonde eu não arrumo outro emprego, porque eu não tenho estudo, né? o meu trabaio não é muito bão não né? mais agente não tem outro, se fô cassá outro serviço fica difícil por causo do estudo.”³⁹

³⁸ Divino Florentino da Silva, 35 anos. Entrevista n.º 03, realizada em 15 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

³⁹ José Antônio da Silva, 35 anos. Entrevista n.º 04, realizada em 16 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

No caso de Divino, 35 anos de idade, segundo ele não voltou à escola para cursar a 1ª série do primeiro grau junto com crianças pequenas, seria motivo de vergonha.

Na verdade, isso se constitui em falta de informação, pois ele poderia cursar um supletivo para adultos, o que poderia ser possível, uma vez que seu horário de trabalho é noturno e o mesmo não exerce outra atividade durante o dia.

Tudo leva a crer, que ele não se sente motivado, devido às dificuldades do dia-a-dia a voltar para a escola.

Por outro lado, a pesquisa possibilitou o contato com Alda que aos 32 anos de idade sente a necessidade de retornar a escola para ajudar seus filhos e pensar em uma possibilidade de ser beneficiada.

“(...) Vou voltá estudá, agente precisa e os beneficios será bom pra mim, porque eu não pretendo ficá o resto da minha vida varreno rua.”⁴⁰

Ao falar do retorno à escola Alda demonstra prazer no ato de estudar e acredita que de alguma forma, o estudo lhe dará uma chance de profissionalização e de conseguir um emprego melhor no futuro.

O caso de outros trabalhadores, vai se caracterizar pelo oposto. José Olímpio, já se sente velho para tentar buscar melhorias em sua vida e acredita somente na sua vivência e o que já adquiriu em sua vida.

“(...)gostaria de ter uma sabedorinhazinha, mais de já te adequirido ela, agora na idade que tô já não adianta mais, vou fazê 49 anos, não tenho esperança mais de muita coisa nada, pra mim tanto faiz se eu adequeri é bom, se não eu creio que eu passo sem; Falta poucos dias pra acaba memo...”⁴¹

⁴⁰ Alda Batista Amaral, 32 anos. Entrevista nº10, realizada em 09 dezembro de 1998. (Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia)

⁴¹ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº02, realizada em 01 julho de 1998. (Funcionário da Limpel período diurno).

Nesse sentido, compreendo que na experiência desses trabalhadores, a escola enquanto instituição, cumpre uma tarefa de excluir, uma vez que, sem elementos que possam “seduzí-los”, acaba por afugentá-los do meio escolar, tendo interrompido os estudos antes mesmo de levá-los muito adiante para poder trabalhar.

Assim como uma parcela significativa da juventude brasileira, alguns trabalhadores vê alguma perspectiva de melhoria nas condições de vida e de trabalho, através de um maior grau de escolaridade.

Tratar a questão da educação no processo de investigação provocou em alguns momentos certos embaraços. Foi interessante, mas foi também um choque, perceber que talvez por estar no meio acadêmico, atribuí excessiva importância à educação na experiência dos varredores de rua. E foi justamente isso que me embaraçou profundamente quando ao entrevistar Divino, ele mostrou sua identidade para que eu pudesse ver o seu nome completo e data de nascimento, afirmando que só começou a estudar e parou, pois:

“Eu comecei a estudar e depois parei, comecei no pré e parei, eu trabalhava na roça né? aí como não deu pra estudá eu parei, se tivesse estudado eu tava no tro emprego né? (risos). Mas graças a Deus, corage pra trabalhá, eu tenho né?”⁴²

Se por um lado, acredito ter valorizado por demais a educação e depois me decepcionei, pois ela não é algo que tenha fundamental importância para os trabalhadores. Por outro lado, é Divino mesmo quem afirma que, sua experiência poderia ter sido diferente, caso pudesse ter ido à escola. Não pretendo apontar a educação como a única solução para os problemas enfrentados pelos varredores de rua (ou mesmo, para os trabalhadores sem escolaridade em geral); e sei que a razão de minha indignação não está no fato

⁴² Divino Florentino da Silva, 35 anos. Entrevista n.º03, realizada em 15 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

de que os trabalhadores não estudaram ou não ofereceram o que lhes foi negado aos próprios filhos, mas sim no que está por trás disso tudo, ou seja, o pano de fundo de uma situação real e concreta, o analfabetismo como consequência da negligência social e irresponsabilidade do Estado.

Em relação à educação dos filhos, seu Anizio diz:

“(...) Teve um que estudô, mas o oto num quis não, faltava na escola, fugia, pá mode num estudá. E hoje eu falo, tá veno, se ocê tivesse estudado, ocê hoje era um oto home, mais num quis estudá né? assina o nome e nu pode arrumá um emprego mió né?”⁴³

É preciso considerar as dificuldades características de famílias pobres e carentes como a de seu Anizio, e tantos outros trabalhadores em manter seus filhos na escola, desde a falta de estímulo até a carência de recursos financeiros, tudo são limitações. Porém há um elemento sobre o que pude refletir e com o qual me surpreendo. Com ou sem a educação, os varredores de rua, sujeitos dessa investigação, conseguiram sobreviver e garantir o mesmo em relação aos filhos e é isso que acredito ser um exemplo de esforço intelectual e a universidade não proporciona à maioria dos filhos de trabalhadores pobres, que nela ingressam, uma ascensão social e garantia de melhores condições de vida, como ocorre em Países onde a distribuição de renda seja minimamente mais justa.

Para Dona Maria, as responsabilidades de ajudar no orçamento familiar também chegaram cedo, e é como ela justifica não ter estudado e diz que se tivesse estudado ela seria uma outra pessoa até mesmo porque afirma que tem facilidade para aprender as coisas somente observando.

“(...) Eu estudei só até o 2º(segundo) ano primário, tinha que trabaiá. Agente trabaiava muito, eu trabaiei de boia-fria na capina, e hoje tô aqui na varrição. Meus fios (filhos), pra eles eu dei só até quinta série,

⁴³ Anízio José da Silva, 64 anos. Entrevista nº09, realizada em 08 de dezembro de 1998. (Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

não dei conta de dá mais, que aí o livro que eu ia dá pra eles estudá já ia quase meu salário todo, aí então não estudô né? mais se eu tivesse estudado eu era outra pessoa, porque tenho facilidade pra aprender as coisas. Então ocê já pensô tanto que eu tinha aprendido né?”⁴⁴

Não há muita diferença entre a experiência de Dona Maria e outros trabalhadores entrevistados, seus filhos estudaram um pouco mais que ela, mas ainda assim, não tiveram muita oportunidade de trabalho, tendo que muitas vezes trabalhar de doméstica não recebendo nem um salário mínimo.

“(...) Meus filhos, só não quis estudar, porque não quis mesmo, porque eu pejei, mas tudo sabe o nome. Minha filha estudou até na 8ª, acho que é né?”⁴⁵

Buscando problematizar acerca das alternativas de lazer desses trabalhadores, tentei conhecer melhor o cotidiano destes. Quando questionado sobre do que faz em seu tempo livre seu José Olímpio diz que seu salário não permite que tenha lazer fora de casa, porque tudo que se pensa em fazer tem que dispor de uma certa quantia em dinheiro, por isso que nos tempos livres muitas vezes fica em casa vendo televisão.

“(...) Nada de lazer, porque eu não tenho condições financeiras, tudo de lazer ocê tem de ter condição financeira, o meu ganho não dá pra lazera nada.”⁴⁶

Já o Seu Luiz prefere à futebol, embora afirma que a idade não o permite que pratique.

“(...) Gostei muito de futebol, mais a idade vai chegano né? Agora agente prefere mais, é assistir.”⁴⁷

⁴⁴ Maria de Lourdes Pereira, 57 anos. Entrevista nº14, realizada em 10 de dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura municipal de Uberlândia).

⁴⁵ Dalva Lopes do Nascimento, 57 anos. Entrevista nº17, realizada em 15 de dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁴⁶ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº02, realizada em 01 julho de 1998. (Funcionário da Limpel período diurno).

⁴⁷ Luiz Márcio Dias, 50 anos. Entrevista nº05, realizada em 20 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel, período noturno, ele é fiscal e varredor de rua).

Todos os trabalhadores entrevistados disseram não ter condição para a prática do lazer, isso porque seus salários não permitem, ganham pouco, e o pouco muitas vezes não dá nem para as primeiras necessidades de sobrevivência que é a alimentação. E a cidade de Uberlândia não tem muito a oferecer em termos de lazer e cultura.

“O lazer que eu pratico é no tanquinho e no escovão na minha casa (risos) passá/lavá. Eu sou feliz graças à Deus, com muito trabalho, muita peleja, eu sou feliz, uma porque Deus mim dá corage de trabaiá, uma porque Deus mim deu minha casa pra mora entende? Uma porque eu não preciso de ninguém de nada que meus fios mim dá, vivo independente deles e tenho muita amizade graças à Deus.”⁴⁸

Quando comecei a investigar os varredores de rua, tinha em mente que por se tratar de pessoas muitas vezes mais velhas. Acreditava encontrar todas inseridas no padrão de família burguesa, ou seja, pessoas que havia constituído família num único casamento, porém o contato com essas pessoas me possibilitou mudar de opinião. Muitos dos trabalhadores entrevistados já havia casado no mínimo três vezes, outros nem ao menos chegaram a se casar, outros constituíram família, mas já não vivem com seus companheiros. Algumas mulheres tiveram somente filhos, mas continuam solteiras sem a presença do homem dentro de casa.

Quanto ao aspecto religiosidade, os trabalhadores vão apresentar uma grande heterogeneidade. O que pra mim foi surpreendente, a maneira como “passeiam” de uma religião para outra, revelando a constante busca de uma prática religiosa que os satisfaçam. Percebe-se também por parte desses trabalhadores uma consciência de que as religiões, quaisquer que sejam “não trazem verdades absolutas ou a certeza de salvação eterna”. Alda frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus, onde foi batizada e também casou-se

⁴⁸Maria de Lourdes Pereira, 57 anos. Entrevista nº14, realizada em 10 de dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura municipal de Uberlândia).

novamente. Ao falar de sua inserção nesta, revela em que isso transformou suas práticas cotidianas e possivelmente seus valores:

“(...) É nois é crente. Então eu acho assim, eu depois que eu tô nessa religião, miorô muito nossa vida, porque eu fui criada católica né? fui batizada na igreja católica, depois fiquei muito tempo sem frequentar, aí eu frequentei o espiritismo, aí eu vi que o espiritismo pra mim não teve sentimento nenhum, mais assim, não é o espiritismo do Alan Kardec que eu ia. Já assim nos centros, no candomblé aí eu vi que aquilo ali pra mim não tinha futuro nenhum, ali é só questão deles milhorá a vida deles financeira e abusa da pessoa. Agora lá não, ocê dá o dízimo sim, é obrigação de toda pessoa, tanto o católico como (o coisa?) ocê tem que dizimar, mais essa se ocê teve ocê dá, se ocê não teve Deus te abençoa da mesma forma. Não é explorano as pessoas, que nem eu fui explorada durante 5 ano.”⁴⁹

Para Alda, hoje ela se sente feliz por freqüentar a Igreja Evangélica e não se sente explorada, por outro lado fico pensando, mas será que ela não está sendo explorada do mesmo jeito, uma vez que ganha pouco e tem que destinar uma parte para a Igreja? Porque ela mesma sente-se na obrigação de pagar o dízimo todo mês?

Outros trabalhadores vão afirmar que, freqüentar assiduamente uma determinada igreja, consiste em uma tarefa difícil, pois a maioria delas, estabelecem certas restrições, que se constituem em obrigações desagradáveis de serem cumpridas. As restrições estabelecidas por algumas igrejas, mencionadas por alguns trabalhadores, consiste na proibição de atos como o de fumar ou ingerir bebidas alcóolicas:

“(...) Eu já frequentei a igreja deles quase tudo, a Assembléia, a de Jesus Cristo. Num entra nas minhas idéias, né? tem uma coisa, que religião num salva ninguém... Eu acho que o que salva, sabe? é o bom coração da pessoa né?”⁵⁰

⁴⁹ Alda Batista Amaral, 32 anos. Entrevista nº10, realizada em 09 dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁵⁰ Altair Valfredo dos Santos, 59 anos. Entrevista nº11, realizada em 09 de dezembro de 1998. (Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

Para Dona Maria, a prática religiosa assume um caráter significativo, uma vez que a Igreja para ela é também um espaço onde estabelece relações de amizade, participa de grupos de oração, de atividades beneficentes e frequenta todas as religiões. A maneira efusiva como se expressa ao falar da igreja, me levou a pensar se a religião não desempenharia a função de levá-la a “esquecer-se” dos problemas do cotidiano. Por outro lado, acredito que a prática religiosa, uma vez incorporada ao dia-a-dia torna-se também um elemento da realidade. Para essa trabalhadora, a participação na igreja tem um sentido especial.

No decorrer das entrevistas percebi que nem todos os trabalhadores são praticantes convictos de uma ou outra religião. Alguns vão se definir como católicos mesmo sem uma participação efetiva. Outros já não sabe se definir como o Seu José Olímpio, afirma ter deixado de frequentar a missa, pelo fato de que, suas condições financeiras não o permite, pois no fim do mês tem que dá o dízimo.

“(...)Hoje não tenho religião, sou muito crente, não sou incedo eu creio em Deus. Meus antepassados tudo católico, mais eu na minha transformação eu fui enxergar que eu não posso ser católico, não posso se crente, eu não posso ser nada, as minhas condições financeiras não permite nada, então vou fica na onde eu tô, eu vou ser o que sou.”⁵¹

A fala de Seu José Olímpio revela uma suspeita de que ele possivelmente estivesse sendo explorado na igreja, ou não, mas o fato é que, ao se deparar em uma situação semelhante, ao invés de submeter, afasta-se revoltado.

Para José Antônio frequentar a igreja já não é a mesma coisa que antes, segundo ele na igreja vê coisas que não era para ser vista dentro da mesma, por isso ele diz:

⁵¹ José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº02, realizada em 01 julho de 1998. (Funcionário da Limpel, período diurno).

“(...) Faiz é muito tempo que eu não vou a igreja, falá a verdade eu acho que fui, quando da missa da minha mãe, eu acho que não compensa hoje em dia tá um trem muito isquisito, ocê vai na igreja e vê coisa que não é nem pra vê dentro de uma igreja, então eu acho mió ficá em casa e rezá pra Deus e pronto. Num vô não né?”⁵²

Já para Seu Luiz não frequenta a igreja por causa do padre:

“(...) Felizmente não frequênto, porque o padre da igreja do meu bairro é um cara muito antipático, muito nojento, aliás não é só eu, metade do bairro não frequênta a igreja pelo motivo do padre ser muito grosseiro, muito mau educado, aproveita daquelas pessoas mais simples e fala muita bobage, muita besteira, então agente não procura não ir.”⁵³

De qualquer maneira, os varredores de rua entrevistados vão se apresentar como pessoas muito crentes, do ponto de vista da fé. Ao falarem de Deus demonstram uma grande crença. Mas, esse não é um fator que possa realmente surpreender. No geral, as pessoas sempre afirmam acreditar em Deus.

Através da fala de alguns trabalhadores, pude perceber ainda que, estes pensam ser causa das desigualdades sociais, a vontade de Deus. Considero que isso tem como consequência uma certa “passividade” diante das condições de pobreza e de sofrimento em que vivem:

“(...)Ah! Nois nasceu pobre é porque Deus quis assim né? porque já pensou se fosse todo mundo rico? Ai quem ia fazê esse nosso serviço. Se nóis fosse tudo pobre como é que ia se? Dai então, tem uns mais rico e uns mais pobre pra podê trabaiá?”⁵⁴

Diante disso, compreendo que para esse trabalhador, as injustiças sociais presentes em nossa sociedade se configuram como “naturais”, ou

⁵² José Antônio da Silva, 35 anos. Entrevista nº04, realizada em 16 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel período noturno).

⁵³ Luiz Márcio Dias, 50 anos. Entrevista nº05, realizada em 20 de julho de 1998. (Funcionário da Limpel, período noturno. Ele é fiscal e varredor de rua).

⁵⁴ Irene Martins Pinto, 44 anos. Entrevista nº08, realizada em 08 de dezembro de 1998.(Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

melhor, como uma situação definida, de tal forma que não cabe ou não é possível aos indivíduos transformá-la.

“(...)É, sabe? eu acho que as coisas num tem como mudá não, né? nós nacemo pobre é porque Deus quis, sabe? é já pensô se fosse todo mundo rico, como é que ia se? O rico ia trabaiaá pros otro? Num sei parece que num tem jeito, o! O que tem que tê é o pobre e o rico sabe? Deus deixou, marcô assim, né? Porque o pobre precisa e o rico num precisa. Rico vai trabaiaá pá otro rico? Num vai?”⁵⁵

Ao serem abordados acerca de sua saúde uma boa parte dos trabalhadores entrevistados, vão dizer que possui algum tipo de problema de saúde decorrente do serviço que faz. Mesmo com esses problemas os trabalhadores dizem gostar do serviço que faz, mesmo porque justificam que não teriam outra oportunidade de emprego por não terem estudado o suficiente para isso. Para Alda sua saúde acabou.

“(...) Minha saúde abacou. Tenho pobrema serissimo de coluna, distrofia no osso do juelho, depressão, to engordano demais sem saber o motivo, porque tô engordano sabe? de saúde num tô boa mesmo.”⁵⁶

Dona Helena, também tem vários problemas de saúde decorrente do seu serviço.

“(...) Ó! É desse serviço porque eu não tinha poblema, hoje tenho poblema de coluna, osteoporosse, eu tô com os ossos fraquinhos e o médico mim disse que se eu não tratá mesmo eu vou pra cadeira de roda. Tô até cas costa aqui ó! Até inxada.”⁵⁷

De acordo com os entrevistados o problema mais grave de saúde que eles tem, é problema de coluna. A grande maioria dos trabalhadores sente este problema, para Osvaldo de 34 anos é um sofrimento.

⁵⁵ Osvaldo das Dores Ribeiro, 34 anos. Entrevista nº13, realizada em 10 de dezembro de 1998.(Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁵⁶ Alda Batista Amaral, 32 anos. Entrevista nº10 realizada em 09 dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura de Uberlândia)

⁵⁷ Helena Lemos Inácio, 56 anos. Entrevista nº12, realizada em 09 de dezembro de 1998.(Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

“(...)Problema de saúde decorrente do meu trabalho? eu intortei a coluna, porque eu não tinha esse problema né, quase não vou ao médico. Já fui ao médico duas vezes por isso né! até tinha que te vortado e não vortei. Até inclusive tô sintino, trabalho, mais tô com ela dueno. Se eu sento depois pra levantar eu sinto dueno também”⁵⁸

Para além dessa discussão, não é só nesta categoria de trabalho que o problema de coluna aparece em número elevado. Em todas as categorias, este é um problema grave para os trabalhadores, às vezes isto acontece por falta de orientação correta de manuseio do equipamento de trabalho, ou por não se ter uma postura correta na hora do trabalho.

No que diz respeito a importância do trabalho na grande maioria dos trabalhadores entrevistados acham muito importante seu serviço.

Seu Altair, diz que não estudou porque tinha que trabalhar e ajudar a família.

“(...)Eu acho importante o meu serviço, e gosto do que faço. Por isso que eu não estudei, eu gosto de trabaiaá, tinha que trabaiaá, então todo serviço eu faço sério é importante o serviço pra mim. Algumas pessoas que não dá valô, mais tem pessoas boas tem de tudo né?”⁵⁹

“(...)Eu gosto muito do meu serviço, trabalho assim ó! Satisfeito, porque agente não tem outra profissão melhor, então disimpenho meu serviço assim com alegria, com satisfação, apesar do baixo salário, mais trabalho contente com meus colegas de serviço: o pessoal do bairro, trabalho longe do bairro onde moro. Porque eu gosto de trabaiaá aqui, portanto, eu não messo a distância.”⁶⁰

“(...) Acho importante o meu serviço e mim orgulho muito, porque na minha idade, eu vejo essas mué aí novinha, aí minha coluna, aí meu braço, aí minhas pernas. Eu num sinto nada. Agora eu tô sintino uma dor muito forte no meu istomugo, mais só tamém. É falta de um alimento forte, esse dinheirinho que nós ganha num dá pra nada, ocê num pode come uma carne, porque é arroiz e feijão po meis inteiro, àgua, luiz, e cabô. Minha

⁵⁸ Osvaldo das Dores Ribeiro, 34 anos. Entrevista nº13, realizada em 10 de dezembro de 1998.(Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁵⁹ Altair Valfredo dos Santos, 59 anos. Entrevista nº11, realizada em 09 de dezembro de 1998. (Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁶⁰ Osvaldo das Dores Ribeiro, 34 anos. Entrevista nº13, realizada em 10 de dezembro de 1998. Funcionário da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

famia ajuda assim, eles entrou na justiça pra mim tomá minha casa (risos) ocê pode pensa que tô mintino, mais é mesmo, é verdade."⁶¹

Com toda dificuldade os varredores de rua discutem a questão política e dá sua opinião a respeito de alguns governos, outros diz que não entende a política assim como José Olímpio:

"(...)política eu não entendo de nada e não entressô pô entendê, acho melhor não entendê que só muito bobo sabe? eu tenho pra mim que a política humana, ela é muito fraca, ela é muito mintirosa e onde tem mintira não há nada entendeu? Então não adianta nós conversá aqui, nós joga conversa fora e não fala a verdade, agora agente paga um preço muito alto pra falá a verdade dentro do Brasil."⁶²

Tanto Alda como Maria de Lourdes fazem comparações de mandado dos prefeitos.

*"(...) No governo do Vigilio e depois Ferolla, foi bom; Agora nesse último mandado dele tá judiano demais do povo. Agora agente morre de trabaiá e não tá teno solução. Ó! É na área de saúde, é no pagamento, é material, tá vino um material muito ruim, vassoura muito ruim, essas vassouras tá cabano com agente. Antigamente as vassouras nu vinha desse jeito não; e niforme (uniforme) eles tá demorano tem que pedi muita misericórdia de Deus, porque se não num tem jeito não?"*⁶³

"(...) Zaire foi bom governo. O zaire fez uma "cagada" muito grande com nós. Mas ele foi muito bom. Só na saída dele que ele "cago no prato". Minina eu vou ti conta a pura verdade nós varredô nen tem apoio de nada, de nada mesmo. No tempo do Zaire sem cê IPREMU, agente ia para o hospital; Era muito bem tratado. Agora na época do Vergilio ele "cago no prato" memo. Num tem nada, se ocê precisa de uma ficha tem que pagá. Vai gente! Todo meis vei um desconto nosso. De 16 (dezeseis) reais, agora pro cê fazê uma consulta ainda tem que pagá a Guia, como é que faiz né? E os remédios, nós paga a Guia vai tomá o que nosso salário é 201.84 (Duzentos e um reais e Oitenta e quatro centavos)."⁶⁴

⁶¹Maria de Lourdes Pereira, 57 anos. Entrevista nº 14, realizada em 1998. (Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia).

⁶² José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº2, realizada em 01 julho de 1998.(Funcionário da Limpel período diurno).

⁶³ Alda Batista Amaral, 32 anos. Entrevista nº10 realizada em 09 dezembro de 1998. (Funcionária da Prefeitura Municipal de Uberlândia)

⁶⁴ Maria de Lourdes Pereira, 57 anos. Entrevista nº14, realizada em 10 de dezembro de 1998. (Funcionária a Prefeitura Municipal de Uberlândia).

Com depoimento desses trabalhadores, percebe-se que eles passam por vários problemas. Que por sua vez está inserido na problemática da política brasileira, onde o nível social, cada vez mais carece de uma atenção especial, pois o nível de desemprego aumenta todos os dias. E com isso, o reflexo com certeza podemos perceber, com a violência urbana e a criminalidade a todo instante, que muitas vezes é por questões de sobrevivência mesmo.

Portanto, mesmo estando descontentes com a vida, decepcionados com a forma como se tem conduzido a política na cidade e no País, os varredores de rua vão enfrentando a luta diária. Com a cara e a coragem, buscando no dia-a-dia forças para o trabalho e sentido para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até a concretização desta monografia um longo percurso foi realizado. Embora tenha suas limitações, este trabalho possibilitou entrar em contato com o ato de pesquisar, e pesquisar um tema que está diretamente ligado ao espaço urbano da cidade de Uberlândia.

Ao resgatar as experiências destes trabalhadores contribuo de uma certa forma, no sentido de trazer para a discussão acadêmica as expectativas, seus sonhos, seus desencontros. A dinâmica das relações de trabalho, as singularidades do trabalho ligado tanto à Prefeitura como à empresa privada, a atuação e interferência destes na constituição do espaço urbano.

Nesse sentido, a fonte oral teve uma grande contribuição, pois foi esta, enquanto fonte documental, que suscitou considerável parte das reflexões apresentadas. E um problema levantado ao longo desse período, consiste nos limites da fonte oral e mais no preconceito e a ignorância existentes no meio acadêmico. Também limita o andamento do trabalho, as dificuldades existentes na transcrição das fitas, na digitação das entrevistas, pois isso delongo muito tempo. A ausência de um micro computador, onde fosse possível organizar a parte técnica do projeto, também foi um fator de entrave.

De qualquer forma, essa pesquisa consistiu e ainda consiste em uma experiência por demais gratificante. A possibilidade de estabelecer, no exercício do trabalho, um diálogo entre a teoria e a fonte documental, também tem sido de importância significativa.

Ao longo da pesquisa algumas questões tornaram-se preponderantes em relação a outras pela assiduidade que apareciam nos depoimentos e pela importância atribuída pelos entrevistados.

Estas questões dizem respeito ao trabalho e a moradia são aspectos que nos revelaram a dinâmica das relações de trabalho no âmbito da Prefeitura e a Limpel e suas especificidade, como o estabelecimento por parte dos trabalhadores, de uma rede de relação de convívio. Com relação a questão da moradia, pudemos perceber e identificar as dificuldades de acesso do trabalhador a esse direito, que muitas vezes lhe é negado pelo baixo rendimento familiar. A casa enquanto um valor social, de identidade do trabalhador, de expressão de suas lutas cotidianas.

Nesse sentido, penso que a trabalho com a fonte oral seja de muita riqueza e ao mesmo tempo, exija muita habilidade. Pois estamos lidando com sujeitos reais, donos de sua vontade e que vão colocar como condição, a fim de conceder a entrevista, o entendimento de todo o processo. E mais que entender é preciso que tenha importância para estes. Ao menos foi assim, que interpretei os conflitos que tive, ao iniciar o trabalho.

Outras questões devem ser aprofundadas com a discussão de uma bibliografia específica, que nos revele indícios sobre aspectos relacionados a religiosidade, educação, saúde e migração.

Neste sentido acredito ser relevante a contribuição da banca examinadora, no sentido de fazer uma reflexão crítica sobre o tema e apontar novos caminhos e discussões.

FONTES CONSULTADAS

• Entrevistas

1. Maria de Lourdes Miranda, 30anos. Entrevista nº 01 realizada em 14.03.1997. Fucionária da Limpel no período diurno, moradora do Bairro Liberdade, é solteira, e morada com a família.
2. José Olímpio Filho, 48 anos. Entrevista nº 02 realizada em 01.07.1998. Funcionário da Limpel no período diurno, não tem moradia fixa em Uberlândia, e sim em Araguari, é solteiro mora sozinho.
3. Divino Florentino da Silva, 35 anos. Entrevista nº 03 realizada em 15 .07.1998. Funcionário da Limpel no período noturno, morador do Bairro Luizote de Freitas, é solteiro e mora com a família.
4. José Antônio da Silva, 35 anos. Entrevista nº 04 realizada em 16.07.1998. Funcionário da Limpel no período noturno, morador do Bairro Santa Mônica, é amasiado.
5. Luiz Márcio Dias, 50 anos. Entrevista nº 05 realizada em 20.07.1998. funcionário da Limpel é fiscal no período noturno, morador do Bairro Segismundo Pereira, divorciado e casado pela 3º vez.
6. Raul Muniz da Silva, 45 anos. Entrevista nº 06 realizada em 16.11.1998. Funcionário da Limpel período noturno, morador do Bairro Mansour, separado de sua esposa e mora numa casa cedida por uma sobrinha.
7. José Sales Pessoa, 58 anos. Entrevista nº 07 realizada em 07.12.1998. Funcionário da Prefeitura de Uberlândia, morador do Bairro Planalto, casado.
8. Irene Martins Pinto, 44 anos. Entrevista nº 08 realizada em 08.12.1998. Funcionária da Prefeitura de Uberlândia, moradora do Bairro Jardim Canãa, solteira mora com seus filhos.
9. Anizio José da Silva, 64 anos. Entrevista nº 09 realizada em 08.12.1998. Funcionário da Prefeitura de Uberlândia, morador do Bairro Tubalina, separado e mora com seus filhos.
10. Alda Batista Amaral, 32 anos. Entrevista nº 10 realizada em 09.12.1998. Funcionária da Prefeitura de Uberlândia, moradora do Bairro São Lucas, separada e casa pela 2º vez.
11. Altair Valfredo dos Santos, 59 anos. Entrevista nº 11 realizada em 09.12.1998. Funcionário da Prefeitura de Uberlândia, morador do Bairro Mansour, casado.

12. Helena Lemos Inácio, 56 anos. Entrevista nº 12 realizada em 09.12.1998. Funcionária da Prefeitura de Uberlândia, moradora do Bairro Jardim Canaã, casada.
13. Osvaldo das Dores Ribeiro, 34 anos. Entrevista nº 13 realizada em 10.12.1998. Funcionário da Prefeitura de Uberlândia, morador do Bairro Pampulha, solteiro.
14. Maria de Lourdes Pereira, 57anos. Entrevista nº 14 realizada em 10.12.1998. Funcionária da Prefeitura de Uberlândia, moradora do Bairro Jaragua, solteira.
15. Ana Paula Borges, 26 anos. Entrevista nº 15 realizada em 13.12.1998. Funcionária da Limpel período diurno, moradora do Bairro Martins, solteira.
16. Aparecida Maria Gomes, 46 anos. Entrevista nº 16 realizada em 15.12.1998. Funcionária da Limpel período diurno, moradora do Bairro Dona Zumira, casada.
17. Dalva Lopes do Nascimento, 57 anos. Entrevista nº 17 realizada em 15.12.1998. Funcionária da Prefeitura de Uberlândia, moradora do Bairro Santa Monica, casada.
18. Maria do Carmo Lopes, 38 anos. Entrevista nº 18 realizada em 15.12.1998. funcionária da Limpel período diurno, moradora do Bairro Jaragua, solteira.

• **Outras Fontes**

1. Jornal Correio de Uberlândia, de 07 de abril de 1981, p. 01.
2. Jornal Correio de Uberlândia, de 12 de março de 1981, p. 01.
3. Jornal Correio de Uberlândia, de 23 de maio de 1987, p. 03.
4. Jornal Correio de Uberlândia, de 28 de outubro de 1987, p. 02.
5. Jornal Correio de Uberlândia, de 29 de outubro de 1987, p.03.
6. Revista Veja, edição nº 1002 SP. de 18 de novembro de 1987, p.p. 66-73.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. História Oral. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALÉM, J. M. “Representações Coletivas e História Política em Uberlândia”. In: HISTÓRIA PERSPECTIVAS – Uberlândia: UFU, jan./jun., 1991, pp. 79-102.
- ALMEIDA, Maria de Fátima R. Uberlândia Operária - Uma Abordagem Sobre as Relações Sociais em Uberlândia - 1950 à 1964. Campinas: UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado)
- ALEXANDER, Sally. Tornar-se mulher em Londres nas décadas de 20 e 30, Projeto História, nº 13, São Paulo: PUC, Jun.1996.
- ALVARENGA, N. M. As Associações de Moradores em Uberlândia: Um Estudo das Práticas Sociais e as Alterações nas Formas de Sociabilidade. São Paulo: PUC, 1988. (Dissertação de mestrado)
- AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia. Ética e História Oral. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho, 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1995, 155p.
- CAMARGO, Aspasia Alcântara de. “História Oral: técnica e fonte histórica”. In: PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL: catálogo de depoimentos. Rio de Janeiro: FGV/INDIPO/Princesa CPDOC, 1981.
- CASANOVA, Julian. La Historia Social y Los Historiadores: Cenicienta ou?. Barcelona: Editorial Crítica., 1990.

- CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FENELON, Déa Ribeiro. “O Papel da História Oral na Historiografia Moderna”. (Re) Introduzindo História Oral no Brasil (Org.) José Carlos Sebe Bom Mehy, In: História & História. São Paulo: USP, 1996.
- FENELON, Déa Ribeiro. “O Historiador e a Cultura Popular. História de Classe ou História do Povo?”. In: HISTÓRIA & PERSPECTIVA, nº 6., jan./jun. Uberlândia: UFU, 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro. “Trabalho, Cultura e História Social: Perspectivas de Investigação”. In: Projeto História nº 4, São Paulo: PUC.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) Entre-Vistas: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaina (Org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FIRCHER, Tânia. (org. e coordenação) Poder Local: governo e Cidadania. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993. 240p.
- FONTANA, Josep. História: Análise Del Passado y Projecto Social. Grijalbo: Editorial Crítica, 1982.
- GINSBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais, Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1990.
- HOBSBAWM, Eric J. Mundos do Trabalho, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1988. 447p.
- KRANTZ, Frederick. A Outra História. São Paulo: Zahar, 1979. pp.19 a 33.

- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. "História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta". In: (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). São Paulo: Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. São Paulo: Contexto, 1991.
- MOREIRA, Helvécio D. Formação e Desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia, 1991.
- PAOLI, Maria C. "Trabalhadores Urbanos na Fala de Outros. Tempo, Espaço e Classe Operária Brasileira". In: CULTURA & IDENTIDADE OPERÁRIA. São Paulo: Marco Zero, 1987.
- PEREIRA, Maria Isaura de Queiroz. Variações sobre a técnica o gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In: Estudos Históricos, vol. 02, nº 05, Rio de Janeiro, 1989. p.3-15.
- SAMUEL, Raphael. "Documentação, História local e História Oral". In: Revista Brasileira de História, v.09, nº 19, set/89, fev/90.
- SILVA, Eduardo. As Queixas do Povo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.), Condições de vida das classes populares. Debates Urbanos, nº 06, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1982.
- SILVA, Luzia Márcia Rezende. Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996. São Paulo: PUC, 1996. (Tese de Mestrado)
- THOMPSON, Alistair. "Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações da História Oral e Recordação". In: Trabalho para a Conferência Brasileira de História Oral, "História Oral e Ética". Outubro de 1995.